

Espiritismo e Evolução

Rino Curti

PANORAMA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curti, Rino, 1922-
Espiritismo e evolução / Rino Curti. -- 6. ed.
rev. e corr. -- São Paulo : Editora Panorama, 1998.

T. 1: v. 2.
Bibliografia.

1. Espiritismo 2. Evolução - Espiritismo
I. Título

ISBN 85-86437-19-0

98-3070

CDD - 133.9

Índices para Catálogo Sistemático

1. Espiritismo e evolução 133.9

Prof. Rino Curti
(Presidente da Coligação Espírita Progressista)

Espiritismo e Evolução

TOMO 1 - VOL. 2
(5ª Edição Revista e Corrigida - 1998)

Panorama
publicações

Escola de Educação Mediúnica Espírita

Copyright © 1998 by PANORAMA COMUNICAÇÕES
Direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial
e por qualquer processo, sem autorização da Editora.

Direitos Autorais desta edição pertencem à
Coligação Espírita Progressista
Rua Batuíra, 297 – Vila N.S. das Mercês

5ª edição – agosto de 1998

Revisão de Ruy Cintra Paiva
Capa de Sergio Amaral
A capa das edições anteriores de Albertina Maiorano Coelho,
inspirou o trabalho de capa desta edição.

Panorama Comunicações Ltda.
CX. Postal : 24551 – CEP : 03397-970
Tel./Fax: (011) 6101-1165

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

OBRAS DO MESMO AUTOR

CURSO BÁSICO

- Vol. 1 – *Espiritismo e Reforma Íntima*
- Vol. 2 – *Espiritismo e Evolução (Panorama)*

CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA ESPÍRITA

- 1º Ano – Tomo I
 - Vol. 1 – *Cristianismo de Jesus a Kardec (Panorama)*
 - Vol. 2 – *Mediunato*
- 2º Ano – Tomo II
 - Vol. 1 – *Dor e Destino*
 - Vol. 2 – *Desenvolvimento Mediúnico*
- 3º Ano – Tomo III
 - Vol. 1 – *Mediunidade em Ação*
 - Vol. 2 – *Mediunidade: Instrumentação da Vida*
- 4º Ano – Tomo IV
 - Vol. 1 – *O Passe (Imposição de Mãos)*
 - Vol. 2 – *Espiritismo e Obsessão*

CURSO DE EDUCAÇÃO EVANGÉLICA ESPÍRITA

- 1º Ano – Tomo I
 - Vol. 1 – *Monoteísmo e Jesus*
 - Vol. 2 – *...Homem Novo*
- 2º Ano – Tomo II
 - Vol. 1 – *Do Calvário ao Consolador*
 - Vol. 2 – *Bem-Aventuranças e Parábolas*
- 3º Ano – Tomo III
 - Vol. 1 – *As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)*
 - Vol. 2 – *Espiritismo e Questão Social*

4º Ano – Tomo IV

Vol. 1 – *Espiritismo e Sexualidade*

Vol. 2 – *Espiritismo e Liberdade*

**CURSOS DO DIVULGADOR E EXPOSITOR
ESPÍRITAS**

1º Ano – Tomo I

Vol. 1 – *O Surgimento da Doutrina e o Estudo do Evangelho I*

Vol. 2 – *O Surgimento da Doutrina e o Estudo do Evangelho II*

2º Ano – Tomo II

Vol. 1 – *Espiritismo e Religião – 1ª Parte*

Vol. 2 – *Espiritismo e Religião – 2ª Parte*

(A formação das Religiões como ciências morais: dos primórdios ao limiar da Era Cristã)

3º Ano – Tomo III

Vol. 1 – *Espiritismo e Filosofia – 1ª Parte*

Vol. 2 – *Espiritismo e Filosofia – 2ª Parte*

4º Ano – Tomo IV

(Em preparação)

CENTRO DE ESTUDOS

Espiritismo e Conhecimento

Estudos de Espiritismo e de Física – Vol. 1

Espiritismo e Vida – 1ª e 2ª Partes

3ª Parte (Em elaboração)

ESCOLA PARA A INFÂNCIA – (4 anos)

De 7 a 11 anos

Curso em nível e acompanhando o 1º Ciclo do 1º Grau
(Texto em preparação)

ESCOLA PARA ADOLESCÊNCIA – (4 anos)

De 11 a 15 anos

Curso em nível e acompanhando o 2º Ciclo do 1º Grau
Programa e Textos: alguns elaborados, outros indicados

ESCOLA PARA JUVENTUDE – (3 anos)

De 15 a 18 anos

Curso em nível e acompanhando o 2º Grau
Programa e textos: alguns elaborados, outros indicados para o 1º e 2º anos. Para o 3º ano, em elaboração.

Índice

PREFÁCIO	17
INTRODUÇÃO	19

CAPÍTULO 1 A Gênese

1.1 - Introdução	27
1.2 - Nosso universo	28
1.3 - Cosmogonia	36
1.4 - No princípio era o verbo	38
1.5 - O aparecimento da vida	40
A - Bibliografia	41
B - Leituras complementares	41
C - Perguntas	42
D - Prática de renovação íntima	42

CAPÍTULO 2
A origem da vida

2.1 - O surgimento da vida	43
2.2 - A explicação científica	44
2.2.1 - A origem da vida	44
2.2.2 - Vida biológica	45
2.2.3 - A vida primordial	46
2.3 - Conceitos espíritas	47
2.4 - O DNA e a reprodução	48
2.5 - Os vírus	51
2.6 - A vida em outros planetas	52
A - Bibliografia	53
B - Leituras complementares	53
C - Perguntas	53
D - Prática de renovação íntima	53

CAPÍTULO 3
A evolução biológica

3.1 - As eras planetárias	55
3.2 - Os primeiros compostos orgânicos	56
3.3 - O aparecimento dos seres vivos monocelulares	58
3.4 - O aparecimento dos seres vivos pluricelulares	60
3.5 - A evolução das espécies	60
A - Bibliografia	64
B - Perguntas	64
C - Prática de renovação íntima	64

CAPÍTULO 4
A fase humana

4.1 - O Espírito é o agente	65
4.2 - O desenvolvimento da mônada	66
4.3 - A lei do aprendizado	68
4.4 - O ingresso do ser na fase humana	69
4.5 - Sintonia inconsciente	70
4.6 - Tendências, desejos	71
4.7 - Emotividade	71
4.8 - Hábitos e automatismos	72
4.9 - Intuição e razão	73
4.10 - A vontade	74
A - Bibliografia	74
B - Leituras complementares	75
C - Perguntas	75
D - Prática de renovação íntima	76

CAPÍTULO 5
O homem primitivo

5.1 - O ingresso do Espírito na fase humana	77
5.2 - A lei do trabalho	79
5.3 - O despontar da idéia moral	80
5.4 - Pródromos da mediunidade	82
A - Bibliografia	85
B - Leituras complementares	85
C - Perguntas	85
D - Prática de renovação íntima	86

CAPÍTULO 6
Conhecimento e livre-arbítrio

6.1 – Introdução	87
6.2 – Adaptação	88
6.3 – Conhecimento	89
6.4 – Responsabilidade	90
6.5 – Evolução e livre-arbítrio	91
6.6 – Progresso moral e intelectual.....	93
A – Bibliografia	94
B – Leituras complementares	95
C – Perguntas	95
D – Prática de renovação íntima	95

CAPÍTULO 7
As religiões primitivas

7.1 – Introdução	97
7.2 – O totemismo	98
7.3 – Cultos e ritos	100
7.4 – O animismo	102
7.5 – Mediunidade espontânea	104
7.6 – A origem da mitologia	106
A – Bibliografia	107
B – Leituras complementares.....	107
C – Perguntas	107
D – Prática de renovação íntima	108

CAPÍTULO 8
A origem do bem e do mal

8.1 – Introdução	109
8.2 – A cultura primitiva	111
8.3 – A desencarnação	111
8.4 – A simbiose espiritual.....	113
A – Bibliografia	116
B – Leituras complementares.....	117
C – Perguntas	117
D – Prática de renovação íntima	117

CAPÍTULO 9
Provas e reencarnação

9.1 – Vampirismo e obsessão	119
9.2 – Castigo, dor e sofrimento	120
9.3 – Remorso e arrependimento	122
9.4 – Resgate	123
9.5 – Zonas purgatoriais	124
9.6 – A oportunidade renovada	126
A – Bibliografia	127
B – Leituras complementares.....	127
C – Perguntas	127
D – Prática de renovação íntima	128

CAPÍTULO 10
Sexo e reencarnação

Introdução – a metossíntese.....	129
10.1 – Instinto sexual	132

10.2 – Fecundações físicas e psíquicas	134
10.3 – Reencarnação	136
10.4 – Conclusão	139
A – Bibliografia	140
B – Leituras complementares	140
C – Perguntas	141
D – Prática de renovação íntima	141

CAPÍTULO 11

Religião:

ciência moral de aperfeiçoamento – I

Introdução	143
11.1 – Os capelinos	145
11.2 – Religião do Egito	147
11.3 – Religiões da Índia	149
11.3.1 – O Vedismo	149
11.3.2 – O Bramanismo	150
11.3.3 – A Ioga	152
11.3.4 – O Budismo	153
A – Bibliografia	155
B – Leituras complementares	156
C – Perguntas	156
D – Prática de renovação íntima	156

CAPÍTULO 12

Religião:

ciência moral de aperfeiçoamento – II

12.1 – Masdeísmo	157
------------------------	-----

12.2 – Religiões da China	160
12.2.1 – O Confucionismo	161
12.3 – Judaísmo	164
12.3.1 – Os dez mandamentos	166
12.3.2 – O Monoteísmo	167
A – Bibliografia	169
B – Leituras complementares	169
C – Perguntas	169
D – Prática de renovação íntima	170

EPÍLOGO

O Cristianismo

EP.1 – Jesus e a religião	171
EP.2 – Revivescência do Cristianismo	173

Prefácio

Este volume, juntamente com o livro *Espiritismo e Reforma Íntima*, completa o Curso Básico de Espiritismo.

No primeiro livro procuramos expor concisamente o caráter, os princípios fundamentais, as conseqüências de ordem moral da Doutrina, bem como a necessidade de sublimação da vida íntima, para a ascensão aos cimos espirituais.

Neste, empenhamo-nos em esclarecer, essencialmente, nos seus aspectos primordiais, as duas leis básicas que regem o Espírito: a lei da evolução e a lei da reencarnação, cujo entendimento e significado são fundamentais para o conhecimento da Doutrina. E como o Espírito, possuidor de faculdades criadoras, vai desenvolvendo-as sob a orientação do Plano Superior até assumir por elas, na fase humana e sob a própria responsabilidade, a condução de seu próprio progresso.

Finalmente ficará ressaltado o papel preponderante das religiões neste desenvolvimento, culminando com o aparecimento do Cristianismo que, hoje redivivo e junto à Ciência e à Filosofia, constitui com elas, nesta Doutrina, o sistema de forças que há de impulsionar o homem à promissora fase de renovação.

Como é evidente, trata-se de uma obra didática,

estruturada com base em nossa concepção atual de ensino e divulgação da Doutrina, e relativa aos aspectos tidos por nós como essenciais. E, portanto, não satisfazerá a todas as exigências. Para o seu aperfeiçoamento, acolheremos de bom grado todas as sugestões, bem como o apontamento de omissões ou deficiências, agradecendo antecipadamente toda e qualquer colaboração que nos seja oferecida.

Rino Curti

Introdução

1 – Em [1], Cap. I, nº 13, estudamos como, no século XVIII, surgiu o interesse pelo estudo científico dos fenômenos mediúnicos, fatos de todas as épocas, verificados em todos os povos, independentemente do seu grau de civilização.

2 – Destes estudos surgiram as primeiras “teorias”, as primeiras explicações, que terminaram por dar origem a duas correntes principais de pensamento:

– O Espiritismo, que se constituiria em Ciência, Filosofia e Religião;

– a corrente, meramente científica, experimental – a Metapsíquica – com pressupostos materialistas e completamente avessa à introdução de qualquer noção religiosa, hoje substituída pela Parapsicologia.

3 – Essencialmente, a Doutrina se desenvolve a partir dos fatos e sobre princípios que a experiência sugere, resultando, de seu desenvolvimento, conseqüências de caráter moral.

Conseqüências e não pressupostos

As leis da Evolução, da Reencarnação, da Renovação, decorrem da determinação da existência do mundo espiritual e do espírito. Da sobrevivência deste e da comunicação possível entre os dois planos, ambas estabelecidas através da mediunidade ([3], Cap.I, nº 14).

4 – Em termos de construção, a Doutrina se desenvolve a partir de princípios e conceitos fundamentais, seu **paradigma**, também já evidenciados em [1] e [2], com base nas obras da codificação.

Essencialmente, parte-se da noção de Deus tido como Princípio das causas, a atuar sobre outros dois princípios básicos: o espírito e a matéria, secundados por um terceiro – o fluido universal, ou energético, mediante leis inderrogáveis, universais e eternas.

No que respeita a Deus, pouco podemos afirmar, a não ser a sua existência e alguns atributos, intuitivamente, postulando-os, pois trata-se de um conceito primitivo, não acessível aos sentidos, e estabelecidos indiretamente, pela observação dos fatos.

No livro *Pai Nosso* de Meimei, conta-se a seguinte história. (Existência de Deus)

Uma caravana, no deserto, à noite. Velho árabe analfabeto orava com fervor.

O chefe da caravana observou-lhe:

– Como sabes que Deus existe, se nem sabes ler?

– Pelos sinais dele – respondeu o crente –. Quando o senhor recebe uma carta... como reconhece quem a escre-

veu?

– Pela letra.

– Quando o senhor recebe uma jóia, como é que se informa, quanto ao autor dela?

– Pela marca do ourives.

– Quando ouve passos de animais, ao redor da tenda, como sabe, depois – acrescentou o empregado –, se foi um carneiro, um cavalo, ou um boi?

– Pelos rastos – respondeu o chefe.

Então o velho crente, mostrando-lhe o céu, onde a Lua brilhava, cercada por multidões de estrelas, exclamou, respeitoso:

– Senhor, aqueles sinais, lá em cima, não podem ser dos homens!

Nesse momento, o orgulhoso caravaneiro, de olhos lacrimosos, ajoelhou-se na areia e começou a orar também.

Ao homem falta o sentido para compreendê-lo ([4], 10-14).

Quanto ao espírito e ao corpo espiritual, as noções ainda permanecem em formação, sendo o Espiritismo, na forma que lhe foi dada por Allan Kardec (*), a Ciência que tem por

(*) – A palavra Espiritismo foi um termo criado por Kardec para distinguir a nova Doutrina de outras de caráter espiritualista, que não se lhe identificam. A crítica opositora, entretanto, atribuindo-lhe parentesco com as religiões primitivas, deturpou-lhe o significado, e hoje vemos a palavra utilizada em vários sentidos, como a maioria das palavras, em geral, designando crenças diversas que se refiram a espíritos e propalem a reencarnação. Resulta daí que, para bem conotá-lo, sejamos obrigados a designá-lo de **ESPIRITISMO KARDECISTA**, ou simplesmente de **KARDECISMO**.

objeto estudar-lhes as leis e as relações com a matéria; e o corpo físico, em particular ([3], Cap.I, nº 16).

5 – Será objeto deste curso abordar, em grandes traços, o conhecimento essencial das leis da reencarnação e da evolução do espírito até o aparecimento do Cristo (Estudo mais aprofundado é efetuado no livro *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, e comentado por Rino Curti, na série de livros intitulada “Espiritismo e Vida”).

6 – No que respeita à matéria, o conhecimento que temos hoje supera de muito o que possuíamos a um século atrás.

As descobertas do eletromagnetismo, da relatividade, da física quântica, da física nuclear, além de terem conduzido a inúmeras descobertas de caráter tecnológico que alteraram profundamente o viver e a qualidade de vida, em conforto e possibilidades de realização do homem (o rádio, a televisão, os meios de comunicação, o transporte, a automação, o computador, as radiações...) mudaram também, radicalmente, nossas concepções acerca

- do mundo, do Universo (a quantidade de estrelas, sistemas, galáxias...);

- da vida (a biologia moderna, a prebiótica, a biologia molecular, a genética, o evolucionismo...);

- da natureza íntima do homem (a moderna psicologia, a psicologia experimental, a teoria do comportamento, a psicologia profunda...);

- do relacionamento social (as comunicações, a indústria, o comércio internacional, a sociologia, a economia: as ciências humanas em geral...);

- as concepções do mundo clássico, filosófico-religiosas, hoje, em total reformulação, com a adoção univer-

sal do conhecimento teórico-experimental, do método científico, mesmo para a filosofia e para a religião.

Resulta claro como este desenvolvimento se reflita, também, nas diversas partes da Doutrina, ampliando-as, e fazendo-as evoluir, pois, esta, não somente diz respeito ao estudo das leis do Espírito; mas também ao estudo das leis das relações que o unem à matéria, e lhe regem as manifestações nos dois planos.

Diz Allan Kardec em ([3], Cap.I, nº 16) que “o conhecimento do Espírito não pode estar completo sem o conhecimento da matéria”.

Entende-se como o crescimento deste acarrete o desenvolvimento daquele.

7 – A incorporação e a adequação do conhecimento científico feito nestes últimos dois séculos, à Doutrina, foram iniciados por André Luiz, Emmanuel, Humberto de Campos, Joana de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda e outros, principalmente através das mediunidades de Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, em concordância, compatibilidade e coerência com a obra de Allan Kardec, o Codificador.

Nem poderia ser de outro modo. Nós, os encarnados não temos possibilidade de realizar, ainda, uma síntese dos fundamentos do conhecimento, um paradigma capaz de permitir a unificação do conhecimento de nossos dias, mesmo porque essa unificação exige dados do Plano Espiritual que só os Espíritos podem revelar, e só o fazem até onde o nosso alcance o permita.

Trata-se de um autêntico acréscimo de Revelação, uma ampliação e compatibilização das existentes, obra iniciada

por esses Espíritos, nas obras psicografadas, que nos cabe assimilar e desenvolver.

A Revelação é dos Espíritos, mas a elaboração doutrinária é deixada a nosso cargo ([3], Cap. I, nº 13).

Assim sendo, será apoiados nesta literatura que nós iremos desenvolver nosso curso, nosso conhecimento, visando à formação básica do espírita para que, solidamente fundamentado no conhecimento doutrinário, possa ele capacitar-se do significado do apostolado cristão, e conduzir-se rumo aos cimos da espiritualidade – sua meta já estabelecida desde o momento de sua criação.

A – Bibliografia

- [1] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima*
- [2] – Rino Curti – *Escolas do Divulgador e Expositor Espíritas: Tomo 1, Vol. 1 – O Surgimento da Doutrina e o Estudo do Evangelho*
- [3] – Allan Kardec – *A Gênese*
- [4] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*.

B – Leituras complementares

- [3] – Cap. I e IV
- [4] – Livro 1º, cap. I.
- [2] – 7ª e 8ª aulas

C – Perguntas

- 1 – As leis da Evolução, Reencarnação, Renovação e outras não são idéias preconcebidas, muito menos dogmas. Explique por quê (Vide [3], Cap. 1; [1], Cap. 1).
- 2 – Podemos nós compreender Deus em sua essência? Por quê? (Vide [3], Cap. 1; [1], Cap. 1º).
- 3 – O que são perispírito e corpo espiritual?
- 4 – O grande desenvolvimento científico acarreta o desenvolvimento da Revelação e, conseqüentemente, da Doutrina. Explique.
- 5 – Explicar por que os Espíritos se encarregaram dos fundamentos doutrinários (o paradigma), deixando para o encarnado a construção da Doutrina.

D – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 19.

Observação: Os Capítulos de 1 a 18, são desenvolvidos conjuntamente com o Livro *Espiritismo e Reforma Íntima* de Rino Curti.

CAPÍTULO 1 A GÊNESE

1.1 – Introdução

a) – Como vimos em [1], postulado básico para a construção do conhecimento em geral, para a Doutrina é:

Postulado – O mundo é regido por causas e leis, cujo princípio denominamos Deus.

Cabe à Ciência determinar essas causas e leis, o que ela faz evolutivamente (Vide papel das Ciências em [2], Cap. IV).

b) – Outro postulado, colocado pelos Espíritos, é o de que:

Postulado – Os Espíritos, seres criados por Deus, CO-CRIAM.

Isto é, participam da criação dos mundos e da organização da vida, exercendo atividades que constituem a razão de ser de sua EVOLUÇÃO – princípio fundamental a que estão submetidos.

Postulado este cada vez mais comprovado pelo próprio Evolucionismo, pela História, e outros ramos do co-

nhecimento.

c) – Devido à LEI DA EVOLUÇÃO, há Espíritos dos mais diversos graus evolutivos, com as atribuições as mais variadas, segundo uma escala que é dada em ([4], Livro Segundo, Cap.1); e, pela qual, os que se situam em posições as mais avançadas, presidem à construção dos mundos em **serviço de Co-Criação em Plano Maior** ([3], 1ª. Parte, Cap. 1). Outro dado revelado pelos Espíritos, sem conseqüências contraditórias.

1.2 – Nosso universo

a) – A visão do firmamento nos fornece concepções do Universo que variam com os recursos de observação, e o acúmulo de conhecimentos que o homem vai-se formando ao longo do tempo.

O primitivo, a olho nu, não se dá conta da esfericidade da Terra. Tales de Mileto postula que a Terra é um disco plano que flutua na água, e o firmamento, acima.

É com os Pitagóricos que surgem as primeiras sugestões sobre a esfericidade da Terra.

A idéia desenvolve-se entre os gregos ao mesmo tempo que se plantea a indagação acerca dos limites e da constituição do Universo.

Platão estabelece que o mundo é constituído de idéias, entendíveis pela razão, e que se materializariam no nosso plano, a partir da matéria informe.

Demócrito, como solução materialista, coloca que o

mundo é constituído de matéria e vazio, a matéria constituída de partículas – os átomos.

b) – A Cosmologia, nascida como a Ciência que estuda a estrutura do Universo como um todo: sua constituição, seus limites, evolui.

Aristóteles imagina o universo como um todo de esferas concêntricas à Terra, constituída de quatro elementos: terra, água, ar e fogo, enquanto os corpos celestes seriam constituídos de um quinto elemento – o éter.

O estudo dos corpos celestes em si é que daria nascimento à Astronomia.

Além disso, considerou o universo finito.

É entre os gregos que surge a primeira idéia de que a Terra gira ao redor do Sol, de modo que este passaria a ser o centro do mundo.

c) – Estas duas idéias contrastantes perduram em luta até à Renascença.

À primeira, permanecem ligados dois grandes pensadores: Hiparco e Ptolomeu. Para eles o mundo seria constituído de 850 estrelas, que catalogaram.

Lucrécio, romano, no século I a. C., promulga a idéia de que o mundo é infinito e que, pela primeira vez, além do nosso planeta, deve haver muitos outros mundos habitados.

Tais questões se relacionam a outras que se confundem com as análogas filosófico-religiosas.

No plano religioso, Jesus afirma esta mesma idéia: ([6], Cap. III):

“Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim: – Há muitas moradas na casa de meu Pai. Se assim não fosse eu vo-lo teria dito; pois vou preparar-vos o lugar” (João XIV: 1:3).

É com Copérnico que vinga a segunda idéia: a de que a Terra gira ao redor do Sol, junto com os outros planetas.

Outros pensadores contribuíram para o estabelecimento do conhecimento atual. Giordano Bruno, Thomas Digges argumentaram que o universo não tinha centro.

Ticho Brahe, subordinou o conhecimento astronômico à observação. Kepler estabelece as leis que regem as trajetórias dos planetas, em 1619.

Galileu, com a invenção do telescópio, e Newton, com a construção da Mecânica e a invenção do cálculo infinitesimal, abriram o caminho para as mais diversas descobertas. O primeiro, entre outras descobertas, verificou que a luz que provinha da Via Láctea, até então tida como nebulosa, emanava de muitas estrelas, e, portanto, que constituía uma galáxia.

d) – Durante três séculos após Galileu ter descoberto a natureza da Via Láctea, pensava-se ser ela a única galáxia existente. É neste século que, ao penetrar no significado das nebulosas, algumas se revelaram quais nuvens de gás, enquanto outras quais diferentes galáxias ([8], Cap. 1,2).

No século XIX, a teoria atômica ganha foro de certeza experimental.

Dalton, em 1803, demonstra experimentalmente a

constituição atômica da matéria.

Neste século, Rutherford, Bohr e outros estabelecem um modelo representativo do átomo segundo o qual, elétrons se movem em órbitas concêntricas a um núcleo, constituído de prótons, nêutrons e neutrinos.

Hoje, prótons e nêutrons revelam-se constituídos de partículas menores – os quarks – ditas elementares, porque supostas últimas. Sua comprovação experimental é obtida nos ciclotrons (aceleradores de partículas), na Física de alta energia, no fenômeno da fissão nuclear, com as quais aparecem outras partículas, na ordem de uma centena.

No que respeita ao elétron, já se admite que ele também seja dotado de uma estrutura, constituído de partículas, embora ainda experimentalmente desconhecidas.

Com que a Doutrina se compatibiliza. Diz Emmanuel, no ([8], 16):

“... átomos e elétrons são fases de compatibilização da matéria, sem constituírem o princípio nessa escala sem-fim, que se verifica, igualmente, para o plano dos infinitamente pequenos”.

Simultaneamente, desenvolve-se o eletromagnetismo que revela nova força da Natureza – a força eletromagnética – distinta da força da gravidade, na qual repousa toda a mecânica clássica, e sobre a qual erige-se nova teoria acerca da luz, e a descoberta das radiações eletromagnéticas.

e) – As descobertas do eletromagnetismo e do microcosmo físico, conduzem a novas concepções relativas à matéria e à energia, ao conhecimento de novas leis a elas concernentes, notadamente quanto ao movimento e às interações das partículas, nos quais há a considerar velocidades próximas das da luz (da ordem de 300.000Km/seg).

As teorias a respeito culminam nas duas teorias básicas da Física atual: a Teoria da Relatividade e a Teoria dos Quanta, com intensa repercussão em toda a nossa cultura filosófica e religiosa, sem que estas as tenham ainda assimilado, mesmo porque elas mesmas ainda não se unificaram.

No estudo das partículas elementares, duas outras forças – a força fraca e a força forte, comparecem a atuarem sobre elas, a distâncias muito pequenas, descritivas com as equações da física quântica: a segunda, mantendo ligados os quarks que formam os nêutrons e prótons; a primeira, responsável pela desintegração radioativa e pela emissão de nêutrons.

Os físicos voltaram recentemente a apregoar estas assimilações, sem sucesso, todavia: ou porque queiram reduzir todo conhecimento à física, e, portanto, renovando a tentativa milenar materialista de explicar o homem por leis físicas; ou, renovando a idéia panteísta de que Deus é a própria Natureza, da qual seríamos parte; ou, ainda, atacando formalmente o aspecto determinista das leis, a própria legalidade, e o valor da razão, do método científico, nos moldes do misticismo oriental.

No que a Doutrina discorda, indubitavelmente.

Diz Emmanuel, em ([8], 17):

“...os sistemas antigos envelheceram... Com o tempo, as fórmulas acadêmicas se renovarão em outros conceitos da realidade transcendente e os físicos da Terra não poderão dispensar Deus nas suas ilações, reintegrando a Natureza na sua posição de campo passivo (e não a própria Divindade), onde a inteligência divina se manifesta”.

E, ainda, no nº. 18:

“Só na inteligência divina encontramos a origem de toda a coordenação e de todo equilíbrio, razão pela qual, nas suas questões mais íntimas, a Física da Terra não poderá prescindir da lógica com Deus”.*

E, ao mesmo tempo desfaz a idéia (nº 19) sempre nascente no espírito de alguns cientistas que, apressadamente, entendem, diante das estupendas conquistas atuais, que nada mais há a descobrir.

O homem está limitado nas percepções de seus sentidos, o que lhe limita a evolução do conhecimento.

f) – Hoje considera-se que existem centenas de bilhões de galáxias, cada uma com centenas de bilhões de estrelas.

As estrelas, passam a ser entendidas como corpos de

* ...da lógica, da razão, que o misticismo oriental considera, desacertadamente, como obnubiladora e não reveladora da verdade. A verdade se conquista com ambas: a intuição e a razão. Apenas ambas evoluem, exigindo esforço e vivência, para a compreensão.

matéria completamente gasosa e geralmente de forma esférica, cujos gases, mantidos por forças gravitacionais, mas atuantes por sua pressão e radiações, as dilatam. Elas se formam ou explodem dentro de certo período de duração, e podem atingir dimensões de até 500 vezes o tamanho do Sol (as supergigantes) ([7], Cap.2). Elas mesmas, agrupadas aos bilhões, nas galáxias, distam entre si na ordem de quatro anos-luz, junto a nuvens de matéria interestelar; enquanto que as galáxias distam entre si na ordem de um milhão de anos-luz.

O Sol, com seu sistema planetário, se situa na Via Láctea, galáxia estimada com 150 a 200 bilhões de estrelas, ao redor de cujo centro gira a uma distância de 25.000 a 30.000 anos-luz.

As galáxias têm várias formas e diferentes desenvolvimentos; e podem ser membros de um cúmulo de galáxias, talvez pertencentes a agregações ainda maiores.

Para o Espiritismo, religião que se compatibiliza com a Filosofia e a Ciência, o Universo é infinito e a vida enxameia por todo ele.

André Luiz, em ([3], Cap. I) se refere à nossa galáxia semelhantemente a uma cidade. Nosso sistema solar comparar-se-ia a um edifício, com vários apartamentos, havendo outros em todas as direções, mais humildes ou mais suntuosos, mansões senhoriais e belas,

“...exibindo uma glória perante a qual todos os nossos valores se apagariam.

Por processos ópticos, verificamos que a nossa cidade apresenta uma forma espiralada e que a onda de rádio, avançando com a veloci-

dade da luz, gasta mil séculos terrenos para percorrer-lhe o diâmetro. Nela surpreenderemos milhões de lares, nas mais diversas dimensões e feitios, instituídos de há muito, recém-organizados, envelhecidos ou em vias de instalação, nos quais a vida e a experiência enxameiam vitoriosas...”

g) – Pois bem, todo este imenso existir de corpos celestes, que escapa totalmente à nossa compreensão, é criado por Deus, a cujo influxo operam

“...inteligências divinas a Ele agregadas ...em serviço de Co-Criação ...na construção dos sistemas da imensidade...” ([3], Cap.I).

Para a direção do nosso sistema planetário, segundo Emmanuel ([5], Cap. I), existe uma comunidade de Espíritos Puros e eleitos

“...em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras de todas as coletividades planetárias...”

da qual Jesus faz parte.

A Jesus foi entregue a direção do planeta a partir do instante inicial de sua individualização, quando se desprendia da nebulosa solar.

1.3 – Cosmogonia

a) – O Espiritismo, na Gênese planetária, compatibiliza-se com a Ciência, entendendo que o método científico é a forma pela qual se pode construir o conhecimento. Apenas, ao acervo dos dados sensoriais, acrescenta outros de percepção ultra-sensorial, pela mediunidade, ditados pelos Espíritos – dados de Revelação –, entendendo que todos os acontecimentos têm seu ascendente no Plano Extrafísico: planejados, iniciados e aí conduzidos, respeitada a liberdade de escolha do ser humano, que a exerce sob sua responsabilidade, na vigência da Lei de Ação e Reação.

Kardec (em [2], Cap.VI) expõe a Doutrina com a utilização dos conhecimentos da época. Hoje teríamos dados novos a considerar, frente ao enorme progresso feito pela Ciência, em geral, seja em teoria, ou em tecnologia experimental, mesmo porque, afirma ele, a Doutrina não foi ditada completa.

b) – A existência de outros planetas e outras Humanidades, subordinadas às leis da evolução e do progresso, é afirmada em toda a literatura ditada pelos Espíritos ([2], Cap.VI; [4], livro 2º, Cap.IV; [6], Cap.III). (*)

Cientificamente, entretanto, o único conjunto de planetas de que se tem conhecimento seguro é o sistema solar. Não temos ainda, com os meios de observação disponíveis, possibilidade de descobrir outros. Entretanto há vários indi-

(*) – Recentemente foi anunciada a descoberta de um outro sistema solar.

cios indiretos e muitas indicações teóricas de que os há ([7], Cap.III).

É fácil inferir que, diante da grandeza do Universo, quão pobres ainda são os conhecimentos que temos dele. Mas não há que se surpreender, pois essas descobertas datam apenas de alguns anos.

Estamos nos albores de uma nova era.

c) – Quanto à formação dos planetas, sucederam-se várias teorias; dentro da COSMOGONIA – Ciência que trata da ORIGEM e da EVOLUÇÃO do Universo, e seus componentes.

A respeito do Universo, embora a Ciência com sérios argumentos apresente algumas teorias que concebem para ele um princípio e um fim, a Doutrina afirma sua eternidade. O que ela concorda é de que no Universo imperam as transformações e a vida. Que impérios estelares e seus componentes – estrelas e planetas – nascem, vivem, morrem e renascem, subordinados à lei da evolução.

Assim, com segurança ninguém sabe ao certo a origem do sistema solar. Uma das conjecturas é a de que ele se tenha formado a partir de um único material básico, em que materiais sólidos, primeiro, passaram a agregar-se, para depois, pelo movimento angular do Sol, desprenderem-se, constituindo os planetas.

Que outros sistemas solares e planetas possam existir é algo que a intuição se recusa a refutar. E isso constitui o motivo pelo qual tanto se os busca: porque se acredita nessa possibilidade.

As argumentações apresentadas incentivando as pes-

quisas, podem ser resumidas nas seguintes constatações:

- 1 - há inúmeras estrelas como o Sol, em características e velocidade;
- 2 - em 1963, Peter Van de Kamp descobriu um planeta que gira ao redor da estrela de Barnard;
- 3 - há estrelas em formação, ainda hoje.

Esses e outros fatos conhecidos pelos especialistas levam a considerar que, eventos como o da formação do sistema solar, tenham acontecido e ainda estejam acontecendo em todas as galáxias, o que, portanto, levaria à consideração não somente de alguns, mas provavelmente de centenas de bilhões de sistemas iguais ao nosso, onde a vida não exista; inicia-se; está desenvolvida no mesmo nível que a nossa; a supera enormemente; ou, ainda, está em vias de extinção.

1.4 – No princípio era o verbo

a) – Segundo Emmanuel, portanto ([5], Cap.1), Jesus recebeu o orbe terrestre desde o momento em que este se desprendia da massa solar, e junto a uma legião de trabalhadores presidiu à formação da Lua, à solidificação do orbe, à formação dos oceanos, da atmosfera, e à estruturação do globo nos seus aspectos básicos, estatuidando

“...os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhe o equilíbrio futuro na base dos corpos simples da matéria... Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica ade-

quada ao homem...; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera... e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60Km de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares... Definiu todas as linhas do progresso da Humanidade futura...” ([5], Cap.1).

b) – Diz, ainda, Emmanuel em ([5], Cap.1) que o

“amor de Jesus foi o verbo da Criação do princípio”,

sendo ele mesmo o idealizador e o construtor da morada que haveria de acolher a vida organizada. (É neste sentido que Emmanuel interpreta os versículos de 1 a 4 do Cap. I do Evangelho de João.)

Atingido o momento, diz ele:

“...Jesus reuniu nas alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso. Daí a algum tempo... podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra... nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens ([5], Cap.1)”.

1.5 – O aparecimento da vida

a) – André Luiz, em ([3], Cap.III), também diz que

“...os Ministros Evangélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta...”

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores... vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva.

Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações.

b) – Kardec, em ([4], L. 1o, cap. III), afirma que

“...A Terra continha os germes que esperavam o momento favorável para desenvolver-se... Os germes permaneceram em estado latente e inerte até o momento propício à eclosão de cada espécie...”

Enfim, os Espíritos transmitem a Kardec a idéia de geração espontânea, no sentido de que seu aparecimento não se deveu a nenhum processo de procriação; e que, hoje, não

mais se repetiria na Terra, uma vez que os seres vivos, em seu desenvolvimento, teriam absorvido os elementos em si mesmos, para transmiti-los segundo as leis da reprodução ([4], L. 1º, Cap.III).

A) – Bibliografia

- [1] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima* – Ed.Lake
- [2] – Allan Kardec – *A Gênese* – FEB
- [3] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos* – FEB
- [4] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos* – Inst. de Dif. Esp. Araras
- [5] – Emmanuel – *A Caminho da Luz* – FEB
- [6] – Allan Kardec – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- [7] – Roger A. Macgowan e Frederick I. Ordway III – *Inteligência no Universo* – Vozes.
- [8] – Emmanuel – *O Consolador* – FEB

B) – Leituras complementares

- [2] – Cap. IV
- [5] – Cap. I
- [4] – Livro 1º, cap. III
- [6] – Cap. III

C) – Perguntas

- 1 – Qual o papel das Ciências?
- 2 – O que é Co-Criação?
- 3 – Há fundamento em se supor existirem outros planetas habitados? Por quê?
- 4 – Como ter-se-ia originado o planeta?
- 5 – Como apareceram os primeiros elementos da vida na Terra?
- 6 – Há “geração espontânea”, hoje, na Terra? Já houve? Explique.

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 20.

CAPÍTULO 2

A ORIGEM DA VIDA

2.1 – O surgimento da vida

Segundo Emmanuel, a vida organizada surgiu na Terra segundo planos e formas estudadas e previstas desde o início, por numerosas Assembléias de Operários Espirituais, sob a orientação do Cristo. Tudo foi adaptado às condições físicas do Planeta

“...e as primeiras construções celulares obedeceram às leis do princípio e do desenvolvimento geral ([1], Cap.II)...”.

Como foi dito no capítulo anterior, com a formação da crosta, camada gelatinosa envolveu o orbe, contendo as sementes da vida que, segundo Kardec, já teriam existido nele em estado latente.

As primeiras formas teriam surgido com a utilização de forças cósmicas, com as quais ter-se-ia despertado a latência de tais sementes da vida e dado início à evolução dos seres vivos.

Com isso teria acontecido, primeiramente, o surgimento das células albuminóides; a seguir, e em seqüência, as amebas, as organizações unicelulares isoladas e livres, que se teriam multiplicado vertiginosamente, nas águas tépidas dos oceanos e pântanos, mesmo porque somente aí teriam elas encontrado o oxigênio que escasseava na terra firme.

Tais seres apresentavam sensibilidade restrita ao tacto, sentido este do qual se desenvolveram todos os outros.

2.2 – A explicação científica

2.2.1 – A origem da vida

Pouco se sabe acerca da origem da vida.

Há grande propensão em se aceitar, na ciência materialista, que a vida se originou como consequência de uma evolução química, por reações químicas e agregações moleculares de complexidade gradualmente crescentes.

Isto é, moléculas químicas simples participam de reações químicas que levam à formação de moléculas mais complexas, tais como as encontramos nos corpos vivos. Por exemplo, Hidrogênio e Oxigênio se combinam para formar água, um composto com propriedades próprias, diferentes das dos seus componentes.

Analogamente, na formação de moléculas mais complexas, a partir de moléculas mais simples, surgem, nas compostas, propriedades novas. Infere-se daí, que a vida é uma

dessas propriedades novas que surgem com o crescimento da complexidade.

Meramente uma hipótese.

O que não se sabe, realmente, é como uma molécula se torna capaz de cercar-se de matéria estrutural e reproduzir-se; isto é, **como da evolução química se passa à evolução biológica**, embora a Bioquímica já tenha desenvolvido toda uma teoria que busca explicar, com base na Lei da Evolução e da Lei da Seleção Natural, este fenômeno (Vide [6]).

Este é um ponto que ainda permanece insolúvel para a Ciência ([2], Cap.5, e [3]).

2.2.2 – Vida biológica

O que se entende por vida biológica é algo que possui vários atributos ([2], Cap.5):

- 1º. – Consiste de agregações de diferentes moléculas, com o ácido DNA como agente genético;
- 2º. – reproduz-se;
- 3º. – mantém um envoltório estrutural;
- 4º. – alimenta-se;
- 5º. – utiliza energia externa;
- 6º. – armazena energia química;
- 7º. – elimina materiais gastos;
- 8º. – percebe condições ambientais externas e a elas reage;
- 9º. – cresce;
- 10º. – morre.

Esta caracterização é adequada para quase todos os fins, mas não permite traçar o ponto em que, primitivamente, se possa ter processado a passagem do ser não-vivo ao vivo.

2.2.3 – A vida primordial

Ao se formar, a Terra deveria ter atmosfera com pouco oxigênio e alguns poucos compostos gasosos simples (hidrogênio, amônia, metano, vapor d'água,) ponto de partida de todos os outros agregados moleculares existentes.

A Terra, nessas condições, constituía um planeta primordial, como deve haver tantos outros, na ordem de bilhões, fato confirmado pela Prebiótica, ciência que conseguiu reproduzir, em laboratório, essas condições e obter, experimentalmente, a partir de 1950, com base nas teorias de Oparin e Haldane, por meio de Miller, numerosos compostos orgânicos, a partir desses poucos compostos inorgânicos.

O que comprova a evolução do inorgânico para o orgânico.

Conclui-se, na teoria bioquímica que o que deve ter acontecido é que moléculas simples, por reações químicas, começaram uma evolução gradativa, na direção de agregados moleculares auto-reprodutores, capazes de evoluir biologicamente.

Como, não se sabe. Mas a Prebiótica conseguiu estender a Lei da Evolução e a Lei da Seleção Natural ao inorgânico, entendidas, antes disso, válidas apenas para as espécies dos seres vivos, no evolucionismo de Darwin.

2.3 – Conceitos espíritas

André Luiz ([4], Cap.III) e Emmanuel ([1], Cap.II) dizem do aparecimento, em concordância com a Prebiótica, de uma massa viscosa após o resfriamento da crosta, da qual se teria originado o protoplasma e sobre o qual as mônadas celestes, teriam iniciado a se destacar e a atuar quais centros microscópicos de força positiva.

Kardec ([5], Livro 1º., Cap III) diz que os seres vivos estavam em germe na massa do globo, em estado latente e inerte, até o momento propício do despertar.

O Espiritismo não esclarece, também, a origem da vida. Os Espíritos nada informaram a respeito, até o momento, de modo que, por enquanto, ela nos é infensa.

Importante observar, entretanto, que ele se compatibiliza com a Ciência, com a diferença de que, nas ocorrências, coloca a ação dos Espíritos.

As mônadas teriam surgido por “geração espontânea”, no sentido de que seu aparecimento não se teria dado por reprodução. A diferença é que, neste aparecimento, houve a participação dos “Operários Espirituais”; na reprodução, as manifestações são conduzidas pelas mônadas ou “espíritos” envolvidos nela.

As mônadas, trabalhadas pelos mesmos Artífices da Espiritualidade, vão adquirindo possibilidades de realização, que geram capacidade de atuação, num crescendo, à medida que se habilitam, assumindo as funções que lhe dizem respeito.

Em assim sendo, fica eliminada a suposição de que o desenvolvimento se dê por acaso. Há que admitir que ele ocorre com base na condução dos Espíritos Encarregados, com a participação sempre crescente das mônadas, limitadamente às suas aquisições.

2.4 – O DNA e a reprodução

Toda a vida sobre a Terra parece estar apoiada, fundamentalmente, em dois tipos de longas cadeias moleculares (polímeros):

- os ácidos nucléicos, componentes do ácido DNA e do ácido RNA – presentes no núcleo das células;

- as proteínas.

O DNA e o RNA, este originado daquele, são longas cadeias moleculares, constituídas de grupos menores, cuja disposição na molécula obedece a um determinado padrão.

A molécula do DNA assume a forma de uma escada torcida, que pode dividir-se no meio dos degraus, à semelhança de um zíper; ou reconstituir-se do mesmo modo.

Na constituição dos degraus, as substâncias que formam as extremidades dos meio-degraus e que se unem para formar um degrau, são de quatro tipos, indicados por A, C, G, T.

E só podem existir degraus A-T, e C-G. E isto determina que se conhecermos a disposição A, C, ...do lado esquerdo, fica determinada a sucessão do lado direito. E vice-versa.

Esta sucessão passa a denominar-se de **CÓDIGO GENÉTICO**, pois ela se constitui de uma sucessão de informações à semelhança de uma sucessão de palavras, num texto. Semelhante às instruções num disquete de computador que, em linguagem própria, constituem as informações que fornecemos ao computador e sobre as quais ele opera.

Cada molécula de DNA, associada a proteína, constitui um **CROMOSSOMO**, cujo aspeto é de um filamento.

A quantidade de cromossomos é característica de cada espécie, e denomina-se **GENOMA**. Na espécie humana, esse número é 23.

Considerando-se que uma informação é constituída de palavras formando uma frase, o equivalente da palavra, na informação do DNA, denomina-se **GENE**.

É sobre estas informações que o Espírito gera o desenvolvimento do ser, a partir de um ovo, determinando-lhe as características biológicas e o programa de vida, nas suas linhas essenciais.

O RNA, de estrutura semelhante a meia-escada do DNA, e proveniente dele, governa a produção das proteínas na célula.

As proteínas servem de material estrutural e como catalisadores químicos, denominados **ENZIMAS**.(*)

São cadeias longas (polímeros), cujas unidades são denominadas aminoácidos.

(*) Catalisador é uma substância química que acelera uma reação química, sem ser ela mesma consumida na reação.

Sobre a origem do DNA e das proteínas, há diversas teorias.

Limitar-nos-emos a citar o que André Luiz diz em ([4], Cap. VI):

“os cromossomos teriam sido produzidos pelos Arquitetos Maiores, com os dons da reprodução, quais concentrações fluídico-magnéticas especiais, à semelhança dos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica”.

Esta analogia conduz-nos à reflexão de que aí estaria a razão de ser do caráter de longa duração dos cromossomos, eternos em cada espécie, mas diferentes em cada uma, o que atesta, para estes, evolução de uma espécie a outra.

Eles constituem os elementos da informação. Do mesmo modo que tudo evolui, embora os caracteres da linguagem permaneçam, analogamente, os cromossomos permaneceriam os mesmos, embora suas combinações, na formação das “palavras”, mudem.

Portanto, André Luiz ([4], Cap. III) atribui a reprodução à ação da mônada, com as indicações existentes nos cromossomos, estabelecendo a concepção de que já a célula é um ser vivo, constituído de matéria e princípio inteligente individualizado, que denomina mônada. A reprodução seria guiada por ela sobre os recursos fixados nos cromossomos, exercendo uma ação que se constituiria na seqüência das reações catalíticas.

2.5 – Os vírus

Pequenas moléculas de DNA, envoltas num simples envoltório de proteína, constituem os vírus. Os tipos menores são todos idênticos, de modo que é difícil considerá-los seres vivos, ou vida celular. Adere nas células, fazendo penetrar nelas suas moléculas de DNA que, utilizando os mecanismos de produção e os materiais das células vivas, reproduzem-se até preenchê-las, rompê-las e destruí-las.

Tipos maiores de vírus manifestam alguma variação estrutural, dando a impressão de que possa existir uma seqüência gradativa de seres não-vivos a seres vivos.

Disto pode-se formular a hipótese de que o vírus se desenvolve diretamente de agregados químicos muito primitivos.

Experiências de laboratório mostraram que, em ambiente químico adequado, os vírus podem reproduzir-se, o que poderia ter-se realizado nos oceanos da Terra primitiva. Isto viria em auxílio da tese de que os vírus teriam aparecido antes da célula e, portanto, que, evolutivamente, são um dos elos entre o vivo e o não-vivo.

A seqüência seria: vírus, bactérias rudimentares, células primevas, bactérias, células.

André Luiz dá o aparecimento dos vírus como anterior ao das células, na seqüência citada, a partir das quais a mônada teria dado origem às bactérias rudimentares, cujas espécies se teriam perdido, mas das quais se teriam originado as primeiras células do reino vegetal.

2.6 – A vida em outros planetas

A idéia de que a vida possa existir em uma miríade de planetas, cientificamente requer que:

- devem existir outros sistemas solares e outros planetas;
- nossa química seja universal, o que é confirmado pela Astronomia.

E se isso se dá, deve ter havido, neles, ambiente químico primordial. E, ainda, que a origem e a evolução da vida deve ter acontecido, ou estar acontecendo, uma vez que isto seria o resultado das inevitáveis reações catalíticas que se processariam, sob condições favoráveis do ambiente.

Kardec, secundado por todos os Espíritos que se comunicam conosco, afirma que sistemas solares e planetas existem em número incontável, e que o processo de “geração espontânea”, no sentido já exposto e a não ser confundido com o que vigorou até os meados do século passado, continua nos planetas primordiais, da mesma maneira que aqui se processou ([5], Livro 1º., Cap.III).

Léon Denis, André Luiz e outros, consideram que a passagem do inorgânico ao ser vivo, se dá de maneira contínua; e que o princípio inteligente está sempre associado à matéria desde o fluido cósmico, e através dos vários reinos: mineral, monera, protista, fungi, plantae, animalia; aos quais o Espiritismo acrescenta, o hominal e o ultra-hominal, o Espírito progredindo sempre, e construindo valores, através deles, não por acaso, mas em obediência a leis naturais de desenvolvimento.

A) – Bibliografia

- [1] – Emmanuel – *A Caminho da Luz* – FEB
- [2] – Roger A. Macgowan e Frederick I. Ordway III – *Inteligência no Universo* – Ed. Vozes
- [3] – *Scientific American* – Revista, número especial de setembro de 1978
- [4] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos* – FEB
- [5] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*

B) – Leituras complementares

Os capítulos da bibliografia citados no texto.

C) – Perguntas

- 1 – Como surgiu a vida no planeta?
- 2 – O que são evolução química e evolução biológica?
- 3 – O que caracteriza a vida?
- 4 – A hipótese da vida surgida por evolução química está comprovada?
- 5 – Existem outros planetas? E se sim, há vida neles?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 21.

CAPÍTULO 3 A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

3.1 – As eras planetárias

Pela Geologia, atribui-se à Terra uma existência de 4,5 bilhões de anos, dividida em quatro eras principais:

PROTEROZÓICA – de 4,5 bilhões a 600 milhões de anos;

PALEOZÓICA – de 600 a 220 milhões de anos;

MESOZÓICA – de 220 a 76 milhões de anos;

CENOZÓICA – de 78 milhões de anos a esta data ([1], Cap.6).

Cada uma com outras subdivisões.

Ao admitir estas afirmações, já é negar a versão bíblica da Criação e substituí-la pela versão científica.

O fato da Doutrina dos Espíritos adotar esta versão não significa que ela se identifique com a Ciência materialista; apenas ela se compatibiliza com ela. A Ciência materialista é uma doutrina sem Deus, ao contrário da Doutrina Espírita, que toma como postulado fundamental a existência do Ser Supremo.

A Doutrina Espírita adota paradigma (conceitos fundamentais) diferente do da Ciência.

3.2 – Os primeiros compostos orgânicos

a) – A versão científica acerca da vida, como já dissemos no capítulo anterior, afirma que ela ter-se-ia desenvolvido após a consolidação da matéria; isto é, após os primeiros 500 milhões de anos da era proterozóica, após o que o planeta teria adquirido, essencialmente, a forma atual.

Nessa fase inicial, continua, não haveria oxigênio livre na atmosfera, existindo ele somente ao longo das águas dos oceanos e brejos. Não havendo oxigênio, não teria existido a camada de ozônio, hoje situada entre 40 e 60Km de altura, cuja finalidade é filtrar

“...os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção organizada do orbe...”,

no dizer de Emmanuel, em ([1], Cap.1).

Antes de existir esta camada, numa atmosfera primordial, portanto, os raios ultravioleta, ou outras radiações, atingindo a superfície do planeta, poderiam ter fornecido a energia para a síntese de muitos compostos orgânicos, a partir de moléculas de compostos químicos simples.

É o que a Prebiótica comprova hoje, simulando uma atmosfera primordial em laboratório, conseguindo sintetizar vários compostos orgânicos, nessas condições.

Com isto fica confirmada a teoria.

b) – Emmanuel, em ([2, Cap.1), refere-se a estes fatos, dizendo:

“...Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário, em repouso.

Dai a algum tempo se podia observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra...”.

O oxigênio é um gás corrosivo e venenoso, contra o qual os organismos são protegidos por mecanismos químicos e físicos. A queima dos alimentos, por ele, possibilita maior armazenamento de energia.

Pois bem, sem o oxigênio a destruir os primeiros compostos orgânicos, os primeiros oceanos, com eles, teriam atingido a consistência de uma sopa diluída, diz Haldane ([3], págs. 62-63).

André Luiz, também, em ([4], Cap.III), se refere a esta massa viscosa inicial. Em seguida, coloca o surgimento dos vírus e das bactérias rudimentares, hoje desaparecidas.

3.3 – O aparecimento dos seres vivos monocelulares

a) – Após o surgimento da vida, o conteúdo de oxigênio, na atmosfera, teria aumentado até que as condições, originalmente favoráveis à vida primitiva, se tornassem desfavoráveis.

E, certamente, não se pode admitir que todo esse processo de adequação e condicionamento, possa ser obra do acaso, segundo querem supor alguns materialistas.

Formou-se, então, a camada de ozônio bloqueando a luz ultravioleta para a superfície, entre 2 e 1,5 bilhões de anos passados, o que se constituiu em proteção para a vida existente.

Não houvesse essa camada, toda a vida do planeta seria extinta.

b) – Uma questão se impõe de imediato: É possível, hoje, na Terra, verificar o surgimento de matéria viva a partir da matéria não-viva?

A resposta é: Não.

A explicação que se dá é que, por processo de seleção natural, novas formas surgiram substituindo as anteriores. Com isso, a característica de sintetizar compostos orgânicos passou a ser prerrogativa da matéria viva, pela reprodução.

O que se tornou um impedimento para a criação de seres vivos, a partir do não-vivo, passou a constituir-se em garantia da evolução biológica dos seres vivos já constituídos, para os quais o oxigênio é indispensável.

c) – Segundo Emmanuel e André Luiz, esta seleção é

conduzida pelos

“...Ministros da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus...” ([4], Cap. III).

Diz Emmanuel em ([1], Cap.II), que:

“...os trabalhadores do Cristo estudaram a combinação das substâncias, analisando a combinação prodigiosa dos complexos celulares por eles delineada, aferindo valores, provando possibilidades e necessidades do porvir...”.

Segundo André Luiz ([4], Cap. III), inicialmente teriam aparecido

“...os vírus e com eles o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética.

Evidenciam-se então as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alcances profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início...”.

3.4 – O aparecimento dos seres vivos pluricelulares

Das células primevas, através dos milênios, passa-se às algas que, como seres monocelulares, já englobam a clorofila, pela qual o ser se nutre. Dotadas de motilidade e sensibilidade táctil, dão origem a todas as outras formas na criação dos sentidos.

A seguir, sucedem-se as algas verdes em que se inaugura a reprodução sexuada, a morte, com metamorfoses contínuas, pelas quais a mônada passa desde os artrópodes aos animais superiores.

Diz André Luiz ([4], Cap. III):

“...Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico (desde há 4,5 bilhões até 600 milhões de anos passados, época em que se inicia a era paleolítica, que começa com o período câmbrio) aos foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu os espongiários e celenterados da era paleozóica, esboçando a estrutura esquelética”.

3.5 – A evolução das espécies

a) – Na reprodução assexuada os cromossomos se reproduzem com exatidão. Na reprodução sexuada, as moléculas do DNA de dois indivíduos são misturadas e reagregadas de maneiras diversas. Disto se originariam os mais diversos ti-

pos de vida primitiva e em locais diferentes. Com o tempo surgiram processos de seleção natural, aparecendo características dominantes, pelo que certas espécies sobreviveram, enquanto outras se extinguíram.

Emmanuel ([1], Cap. II) atribui a seleção a ensaios efetuados pelos Espíritos. Diz:

“...Os trabalhadores do Cristo... analisaram... a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação elas próprias haviam deliberado, executado, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevenindo todas as possibilidades do porvir:

Todas as arestas foram eliminadas... Os tipos adequados à Terra foram consumidos em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências...”.

b) – Enfim, é no início da era Cenozóica (há 78 milhões de anos) que surgem os primeiros mamíferos e as primeiras manifestações da Inteligência, em que o reino animal experimenta as mais estranhas transições sob a influência do meio e da seleção.

No Plioceno Inferior (período do Cenozóico compreendido entre 12 a 1 milhão de anos passados), surgem os antepassados experimentais do homem e ascendentes dos símios, de onde ambos se ramificam ([1], Cap. II).

Diz Emmanuel:

“...As forças espirituais que dirigem os

fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo do seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade...

Os peixes, os répteis, os mamíferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral”.

É esta a razão pela qual, na análise das formas, não se detectam todos os elos da evolução. Porque o ser, no seu transformar-se e progredir, sofre transmutações que o habilitam a assumir, cada vez mais, a condução dos processos vitais, em um crescendo que atesta seu estágio evolutivo, nos dois planos: no físico e no extrafísico.

c) – Diz André Luiz, em ([4], Cap.III):

“...É assim que dos organismos celulares aos organismos complexos, em que a Inteligência disciplina as células (seres vivos constituídos, portanto, de matéria e princípio inteligente) colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo de elevada destinação, que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis da ação e renovação, em que mecanizam as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica...

“Contudo, para alcançar a idade da ra-

zão, com o título de homem... o ser... despendeu, para chegar aos primórdios da época quaternária (de um milhão a dez mil anos passados), em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. E, entendendo-se que a Civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar, na constituição fisiopsicossomática do Espírito Humano, as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à consciência cósmica...”.

d) – Enfim, o Espiritismo é Doutrina Científico-Filosófico-Religiosa, que se compatibiliza com a Ciência Contemporânea, construída com o mesmo método teórico-experimental. Apenas situa os fatos como decorrência de um plano, de uma coordenação e condução racional: planejada e executada pelos Espíritos, na sua atribuição de co-criar.

Portanto, dentro das leis inderrogáveis estabelecidas por Deus. É isto que dá sentido, mesmo porque, em atendo-se à exposição, desconhecadora da existência do Espírito, não há qualquer possibilidade de se aceitar que tudo isso resulte do acaso, criador das leis existentes e atuantes.

A) – Bibliografia

- [1] – Emmanuel – *A Caminho da Luz*
- [2] – Roger A. Macgowan e Frederick I. Ordway III – *Inteligência no Universo* – Ed. Vozes
- [3] – *Scientific American* – (Revista) Número especial de setembro de 1978.
- [4] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos* – FEB
- [5] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*

B) – Perguntas

- 1 – É possível verificar o surgimento espontâneo de vida, hoje, na Terra? E em outros planetas? Por quê?
- 2 – Como se processou a evolução dos seres vivos?
- 3 – Quais os antepassados do Homem?

OBSERVAÇÃO: estas duas últimas perguntas (2 e 3) poderiam ser transformadas em uma pequena pesquisa do aluno, a seu critério.

C) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 22.

CAPÍTULO 4

A FASE HUMANA

4.1 – O Espírito é o agente

a) – Como vimos no 2º. capítulo, o conceito de evolução, embora apresentado com os mesmos fatos, o mesmo processo, difere entre a Ciência e o Espiritismo, porque este considera a vida planejada e conduzida pelos **operários espirituais**. As mônadas, trabalhadas pelos mesmos “operários”, vão adquirindo possibilidades de expressão que geram capacidade de atuar como agentes num crescendo, à medida que se habilitam, assumindo, gradativamente, funções relativas ao seu próprio conduzir e que, em consequência, deixam de ser efetuadas por seus condutores.

Segundo André Luiz em [1], Emmanuel em [4] e Kardec em [3], o princípio espiritual teria existido em estado latente na matéria de que se constituiu o orbe, e teria despertado com suas manifestações de vida, no reino orgânico, a partir de uma massa gelatinosa, após a incidência de

forças cósmicas, que teriam atuado, enquanto não se formou a camada de ozônio. ⁽¹⁾

De forma análoga, como vimos, a Ciência supõe o aparecimento do ser vivo como evolução dos compostos macromoleculares neste período em que não havia atmosfera de oxigênio, por princípios ou leis ainda desconhecidos.

4.2 – O desenvolvimento da mônada

“...As mônadas, previamente trabalhadas pelos operários espirituais, destacam-se quais centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética...”

isto é, **assumem a individualidade e a reprodução, que é assexuada.**

A seguir

“...o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal...” ([1], Cap.III)

⁽¹⁾ – A Prebiótica, hoje, estende a evolução e a lei da seleção natural, para o reino mineral. E isto corrobora com a afirmação doutrinária de que o ser – o espírito – se desenvolve através dos vários reinos, a partir do reino mineral.

isto é, **assume a alimentação.**

a) – A seguir, **assume a mobilidade e a sensibilidade** nas algas nadadoras, nas quais a mônada, já mais evoluída, se ergue a estágio superior.

Continuando, a mônada passa a governar organizações pluricelulares, evoluindo nos domínios da sensação e do instinto embrionário, **assumindo, pelas células com novo núcleo,**

“...a reprodução sexuada, e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte compa-rece, na esfera da luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir ([1], Cap.III).

Mais tarde, a mônada ingressa no domínio das diferentes espécies, até esboçar a estrutura esquelética para, ainda durante milênios, **assumir** as funções que lhe organizam a veste física, edificando o sistema vascular e nervoso, **assumindo**

“...entre os dromatérios e anfitérios, os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência...” (idem).

Até alcançar os pitecantropóides da era quaternária

“...atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores

múltiplos da organização, da reprodução, da memória e do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando assim pelas vias da inteligência mais completas e laboriosamente adquiridas, nas faixas inaugurais da razão (idem).

4.3 – A lei do aprendizado

a) – É desta forma que o princípio inteligente, ao assumir as funções que lhe são atribuídas pelas

“...Potências Sublimes que lhe orientam a marcha...”,

em degraus sucessivos, através de milhões de anos, coloca

“...as células vivas, de natureza física e espiritual, a seu serviço, agregando-as na formação do seu veículo de exteriorização, que aprendeu a desenvolver ao longo de todo esse tempo...” (idem).

Este desenvolvimento se faz pela **lei do aprendizado**, que opera com base na repetição dos atos e à automatização do comportamento, na edificação de aptidões.

b) – A mônada reage aos estímulos externos de forma a adaptar-se a novas situações, o que consegue após incessante repetição dos atos, especializando as células que se lhe sub-

metem ao serviço, ao mesmo tempo que

“...labora em benefício delas, amparando-as com os valores por ela conquistados, a fim de que a concessão da vida não sofra qualquer solução de continuidade...” ([1], Cap.IV).

Em cada repetição de resposta aos estímulos, a mônada avalia a reação corrigindo-a seqüencialmente, até habilitar-se a efetuar aquela que lhe defina a adaptação, automatizando-a. Com isto, já adaptada pela automatização, libera-se para efetuar novo aprendizado, incorporando desta forma todos os cabedais que lhe edificarão o comportamento reflexo e instintivo, base das atividades reflexas do inconsciente, que se manifestará na inteligência futura.

c) – Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, os do corpo físico, desenvolveram-se desta maneira, bem como todas as faculdades: com base nos reflexos e no automatismo, edificados pela repetição incessante. André Luiz, em [1], detalha com maiores explicações, as conquistas dos vários sistemas do corpo espiritual, matriz do corpo físico e a conquista das diferentes faculdades mentais.

4.4 – O ingresso do ser na fase humana

É na passagem de animal para ser humano que a mônada, que agora denominamos propriamente de Espírito, **assume a comunicação pela palavra**, cujos mecanismos adquire em regiões do plano extrafísico, com a interferência

dos **Gênios** veneráveis que nos presidem a existência, e pela **permuta de idéias**, agora possibilitada pelo **pensamento contínuo**, outra conquista desta passagem.

O pensamento passa a produzir-se como um processo vitalista análogo ao da respiração, pelo qual a mente absorve fluido cósmico, sobre o qual imprime as próprias idéias associadas às recebidas de outras mentes afins, em regime de sintonia, por indução.

Precisemos alguns conceitos.

4.5 – Sintonia inconsciente

Entendemos, por **sintonia mental**, o fenômeno de **captação de idéias**, pelo pensamento, que se realiza tanto mais quanto mais semelhança elas guardam com as nossas.

Pela **sintonia**, entramos em contato com as mentes que pensam como nós, estabelecendo, por isto, **ligações benéficas**, quando voltadas para o bem; **desastrosas**, quando eivadas de desajuste.

Por **Inconsciente** entendemos todo o acervo de conquistas feitas com base em experiências vividas e conseqüente adaptação à vida, nos diversos estágios efetuados pelo Espírito, diferente do conceito científico, que o entende como repositório de recalques, ocasionado pelos conflitos provocados pelos nossos desejos e pelas restrições sociais.

4.6 – Tendências, desejos

Em função do inconsciente – o cabedal de aquisições de que somos portadores – se nos constituem forças no Espírito que nos regem as manifestações dirigidas a determinados objetivos. São as tendências que, tornadas conscientes, nos constituem os desejos, os interesses, transformáveis com base na lei do aprendizado, pela repetição e automatização.

É pela transformação incessante das tendências, em sentido espiritualizante, ou pela **sublimação**, que os instintos e as faculdades se nos transformarão nas qualidades angélicas.

4.7 – Emotividade

Ao pensar, emitimos e captamos, pela mente e por sintonia, idéias semelhantes às nossas, associando-as: de encarnados e desencarnados.

Pela reflexão efetuamos combinações destas idéias, do que resultam várias modelos alternativos de ação. Por livre escolha nos decidimos por alguns deles e, pela vontade, os transformamos em ação ou comportamento, com uma intensidade compatível com as tendências a eles associadas.

É esta livre escolha que nos torna responsáveis.

Nossa ação gera influências que atuam, primeiramente e, com maior intensidade, em nós; e, a seguir, além de nós. Nosso Espírito as avalia e o resultado se traduz nas ma-

nifestações que nos constituem a emotividade. Nesta distinguimos: o SENTIMENTO, A EMOÇÃO E A PAIXÃO.

No SENTIMENTO, nossas reações permanecem organizadas, reguladas, controladas;

Na EMOÇÃO já há descontrole – não conseguimos organizá-las ou controlá-las;

Na PAIXÃO, temos um sentimento superdesenvolvido às expensas de outros, exaltado ([2], pergunta 908), que nos pode conduzir tanto a grandes realizações, como a graves quedas, de conformidade com o seu teor.

4.8 – Hábitos e automatismos

A resposta automática aos estímulos constitui o que denominamos de HÁBITO. Ele não é inato. Adquire-se pela repetição, adaptação e automatização, segundo a lei do aprendizado. Por esta, há um mecanismo que, a cada tentativa de adaptação, tende a corrigir erros, a vencer inabilidades, até que se alcance a completa adaptação e a conseqüente automatização.

A cada repetição reorganizam-se movimentos até que a tarefa ou a resposta se realize sem esforço, liberando a consciência para novas tarefas.

Tais hábitos e automatismos são construídos ao longo do tempo, pela colocação do ser frente a condições renovadas, sob a orientação do Plano Superior.

No homem, a formação dos hábitos e dos automatismos, passa a ser assumida por ele, com o apare-

cimento do pensamento contínuo, da razão e da vontade.

4.9 – Intuição e razão

Com o pensamento contínuo, o Espírito passa a mentalizar e a influenciar, pelas idéias que cultiva, e é influenciado pelas idéias afins que, por sintonia, capta.

Nesta mentalização, se lhe manifesta a razão que as relaciona, associa, transforma, reestrutura, em obediência a certas leis, o que constitui a assimilação.

Por este processo repetido, a razão torna a idéia mais clara e a automatiza de modo que, ao ser reevocada, o faz de forma total, instantânea, sem mais requerer esforço, deixando a mente livre para a assimilação de outras, na expansão das concepções e da cultura.

A automatização das idéias, além de acrescer nossa bagagem, produz algo que podemos denominar, por analogia, de **hábitos mentais**, cuja totalidade perfaz a **INTUIÇÃO INTELLECTUAL**, evolutiva. Ela se caracteriza por responder aos estímulos, de imediato; qual reevocação, sem qualquer processo intermediário, e se desenvolve com o mentalizar, meditar, estudar, relacionados às experiências e seus resultados a que somos submetidos ou nos submetemos nos embates da vida.

4.10 – A vontade

É pelo livre-arbítrio, enfim, que o homem passa a receber a incumbência de assumir a evolução dos **hábitos e automatismos**. A **vontade surge como a faculdade que interpõe um hiato entre o impulso e a ação: um retardamento no qual a consciência e a reflexão, ao se fixarem em determinada ordem de idéias, que podemos eleger pelo discernimento, operam a transformação do impulso.**

A causa inconsciente do agir cede lugar à idealização de ações, das quais uma é eleita por escolha nossa, em função da nossa escala de valores, pela qual se nos define o objetivo a atingir, escolha esta que, em passando à ação, nos torna responsáveis.

Pelo estudo, pelo trabalho, edificamos os valores que, se relativos ao bem geral, nos guiam à ação na produção do bem comum, no servir, que é o que nos faz progredir, com base na lei de que **é dando que se recebe**, com a assistência constante do Plano Maior.

Quando tivermos assimilado todo o conhecimento e automatizado todo o procedimento evangélico – diz André Luiz –, aí cessará o ciclo das reencarnações e ingressaremos em nova fase que por falta de outra terminologia, se denomina de fase angélica.

A) – Bibliografia

[1] – André Luiz – *Evolução Em Dois Mundos*

[2] – Denis Huismane e André Vergez – *Com-*

pêndio Moderno de Filosofia

[3] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*

[4] – Emmanuel – *A Caminho da Luz*

B) – Leituras complementares

Os capítulos da bibliografia citados no texto.

C) – Perguntas

- 1 – O que se quer dizer com “O Espírito é o agente”?
- 2 – Explique o significado de “assumir das funções pela mônada”.
- 3 – Explique a lei do aprendizado, os reflexos e o automatismo.
- 4 – Defina:
 - 4.1 – a sintonia;
 - 4.2 – o inconsciente;
 - 4.3 – as tendências;
 - 4.4 – os desejos;
 - 4.5 – a emotividade;
 - 4.6 – o sentimento, a emoção, a paixão, consultando [2] e [3];
 - 4.7 – os hábitos;
 - 4.8 – os automatismos;
 - 4.9 – a intuição;
 - 4.10 – a razão;
 - 4.11 – a vontade.
- 5 – Explicar de que forma é deixada, ao homem, a tarefa de desenvolver-se.

6 – Como entende, nesta fase, a orientação do Plano Maior?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 24.

OBSERVAÇÃO – Supõe-se que o Capítulo 23 foi dado na aula de recordação que deverá ter sido feita anteriormente a esta.

CAPÍTULO 5 O HOMEM PRIMITIVO

5.1 – O ingresso do espírito na fase humana

a) – Nosso interesse primordial diz respeito à evolução espiritual do homem: o pensar, as crenças, o conhecimento, o destino, a moral, aos quais nos ateremos, acima de tudo.

Assim sendo, lembraremos que o Espírito, ao ingressar na fase humana, já desenvolveu um corpo espiritual, pelo qual o Espírito domina

“...as células vivas, de natureza física e espiritual, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso ([2], Cap.IV),

com um patrimônio de incalculáveis conquistas.

Ao atingir o limiar da fase humana, o Espírito já assimilou elevadas características do ser vivo, dentre as quais:

- o automatismo fisiológico;
- a transmissão das características físicas, segundo

as leis da hereditariedade, na reprodução, dado que só ser vivo dá origem a ser vivo;

– o sistema nervoso;

tudo subordinado ao comando da mente, com a consolidação de várias e avançadas funções mentais, tais como:

– a percepção, a seleção, a atenção, a escolha, os reflexos, os instintos...

b) – O ingresso do ser no ciclo das reencarnações humanas caracteriza-se pela aquisição da palavra, do pensamento contínuo, da razão, do livre-arbítrio... sob a égide dos Condutores Espirituais, em regiões especiais do Plano Extrafísico ([2], Cap.X).

O exercício incessante e fácil da palavra propicia o desenvolvimento da energia mental que acarreta a expansão do pensamento e o estabelecimento de

“...todo um oceano de energia sutil em que as consciências encarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras ([2], Cap. X)...”

Nisto, o homem primitivo inicia a meditação, passando a mentalizar e a exteriorizar as próprias idéias; além de que, no sono, facilita o desprendimento do corpo espiritual, que afrouxa os laços com o corpo físico e permite o melhor contato com os Benfeitores Espirituais, que o instruem.

Esta é a característica essencial da fase Humana:

Os homens são conduzidos pelos Benfeitores Espirituais, pela Instrução.

5.2 – A lei do trabalho

a) – Destituído de maiores recursos, ainda na infância da fase humana, o homem primitivo é colocado num “Hábitat”, num meio que lhe ofereça condições ambientais e ecológicas capazes de permitir-lhe obter aquilo de que necessita, para a sua subsistência, com o simples “colher”.

É a fase da caça e da pesca, a adequada às suas forças na luta pela sobrevivência.

Situa-se num “Hábitat”, fora do qual sucumbiria, extinguir-se-ia.

Nesse Hábitat, situam-se a flora e a fauna que lhe formam a “cadeia ecológica”, sem a qual sucumbiria e extinguiria a espécie.

Só hoje, com o progredir da “Ecologia”, é que o homem se dá conta dessa realidade, em cuja defesa se levanta, hoje, a grita para a proteção do meio ambiente e da vida nele existente. Foi pela incompreensão das leis hoje reveladas pela ecologia que o homem perpetrou e ainda perpetra verdadeiros crimes contra a Natureza, levando a morte, a aridez e a desolação em regiões, onde a vida viceja.

b) – No selvático, na busca para obter do meio que o circunda aquilo de que necessita, é que se manifesta aquele princípio divino que observa, grava, rememora, automatiza impulsos e respostas, desenvolvendo-lhe o raciocinar.

Assim, ao colher frutos das árvores, percebe que umas os dão mais, outras os dão menos. Que as primeiras revelam

estar sempre melhor situadas no que concerne ao solo, a condições climáticas, à presença de insetos e doenças destruidoras, fatores estes sobre os quais ele pode influir, limpando, regando, adubando...

c) – Começa por oferecer-se-lhe ao entendimento que, influenciando no meio, de modo a provocar circunstâncias favoráveis, atua na causa do desenvolvimento, da produção; e sua obtenção é favorecida em quantidades sempre maiores, quanto maiores forem as benfeitorias que ele possa produzir.

Passa a descobrir que NELE PRÓPRIO está a possibilidade de transformar-se na PRINCIPAL CAUSA para que a Natureza lhe atenda as solicitações – o PEDIR. Ou melhor, que a FORMA MAIS FECUNDA E ATENDÍVEL DO PEDIR É APRENDER A TRABALHAR EM BENEFÍCIO DA VIDA – na PRODUÇÃO DO BEM GERAL.

5.3 – O despontar da idéia moral

a) – O homem selvático, erguido da animalidade e governado exclusivamente pelos instintos, com a violência de uma fera, matando para sobreviver, impelido a aceitar os princípios da renovação e do progresso, como que a buscar a solidariedade possível dos semelhantes, na selva que o desafia ([2], Cap.X), apega-se à prole, mentaliza a constituição da família, padece na defesa do lar, refugia-se no amor-egoísmo.

b) – O pensamento contínuo, que o inicia na meditação, a razão e a vontade incipientes, constituem-se-lhe quais ferramentas para a modificação dos instintos.

O instinto, essencialmente, consiste nas tendências edificadas com o acervo de experiências e conquistas efetuadas até esse estágio, e na resposta automática, construída sobre os reflexos, que ele dá aos estímulos que as excitam. A vontade, entretanto, é a faculdade que lhe permite refrear a resposta, permitindo-lhe, entre a excitação da tendência e a ação, um intervalo de reflexão, no qual sua razão opera, avalia, em relação a valores que se fixam e renovam, transformando a resposta, do que resulta, em consequência, uma ação subordinada ao seu pensar. E isto o torna RESPONSÁVEL por ela.

A repetição de atos, modificados pela ação conjunta da vontade e da reflexão, em relação aos impulsos ou reflexos pertinentes aos instintos, atua como realimentação. Isto lhe permite avaliar os desvios de comportamento em relação aos valores que adota, pelo que se dispõe a adaptar-se-lhes, com conseqüente transformação do campo íntimo e do instinto, resultado, enfim, da atividade refletida, base da inteligência, no conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes.

c) – O amor que se lhe desenvolve, pela família, fã-lo instituir a propriedade e traçar, para si próprio, regras de conduta para que não imponha aos semelhantes prejuízos que não deseja receber.

Nasce, desse modo, para ele, a NOÇÃO DE DIREITO, sobre o alicerce das obrigações respeitadas.

PRINCIPIA, PARA ELE, A EVOLUÇÃO DO PONTO DE VISTA MORAL.

d) – Na morte, a vida se lhe apresenta em continuação, colocando-lhe novos problemas que, de início, não entende. Desencarnado, continua em estágio educativo, no qual soma as experiências vividas e incorpora a colheita da sementeira praticada no corpo físico.

Para o selvagem, entretanto, a vida no plano espiritual é incompreensível. Desperta nela

“...qual menino aterrado; permanece junto aos seres do plano carnal, em vários processos de simbiose e não tem outro pensamento, senão voltar ([2], Cap. XII).

5.4 – Pródromos da mediunidade

Em virtude do pensamento contínuo a criatura, pela mente, absorve fluido cósmico e emite matéria mental (a matéria em estado de condensação diferente daquele conhecido por nós) ([3], Cap. XIV; [4], Cap. IV),

“...em processo vitalista semelhante à respiração, absorvendo energia e transubstanciando-a sob a própria responsabilidade para influenciar na criação, a partir de si mesmo ([2], Cap XIII).

Isto é, há transformação. O fluido cósmico absorvido

é modificado nas suas características, para adquirir outras que lhes são imprimidas pela mente, no processo de pensar, segundo a natureza intrínseca de seus pensamentos, dando como resultado a matéria mental. Esta, pela ação da mente, torna-se excitada, do que resulta a emissão de radiações, revestindo a pessoa de um halo energético, atmosfera mental típica e característica, que se denomina AURA.

São estas radiações que, ao se propagarem no espaço, induzem em outras mentes que se lhe sintonizem pela afinidade de idéias, as características, as peculiaridades do pensamento que as originou e os estados d'alma a ele associados.

“...É por esta couraça vibratória que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico ([2], Cap. XVII).

Dessa forma, pelo intercâmbio de idéias (pela reflexão), a mente primitiva passa

“...a absorver, em baixa dosagem (limitada e nascitura que é), as idéias que lhe são sugeridas no Plano Superior,

especialmente durante o sono, em que entra em contato com os desencarnados que o orientam e lhe transfundem, pela mudança de valores no campo mental, sentimentos e idéias. É desta maneira

“...pela reflexão possível que aparece entre os homens, mal saídos da selva, a inteligência artesanal, instalando no mundo a indústria elementar do utensílio. É pelo fluido mental com qualidades magnéticas da indução que o progresso se faz notavelmente acelerado ([2], Cap. XIII).

Neste período é que se desenvolve a assim chamada civilização do sílex, do qual o silvícola (homo sapiens neanderthalensis, já considerado de nossa espécie) se tornou fabricante de ferramentas ([6], Cap. XIII).

Diz, ainda, André Luiz em ([2], Cap. XIII):

“...pela troca de pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte, descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos...”.

Pela reflexão de idéias se inicia o intercâmbio entre os dois planos. E a **inspiração**, esta capacidade de captar idéias, sem a intervenção do raciocínio, esta capacidade de sintonização com outras mentes, dentro dos limites de sua ba-

gagem, é a sua primeira forma de mediunidade – a mediunidade inicial.⁽¹⁾

A) – Bibliografia

- [1] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima*
- [2] – André Luiz – *Evolução Em Dois Mundos*
- [3] – Allan Kardec – *A Gênese*
- [4] – André Luiz – *Mecanismos da Mediunidade*

B) – Leituras complementares

- [3] – Cap. XI e XIV

C) – Perguntas

- 1 – O que caracteriza o ser humano dos outros seres, iniciando o ciclo das reencarnações, nesse estágio?
- 2 – De que forma o homem pode melhorar as circunstâncias que lhe influem o viver?

⁽¹⁾ – Não confundir entre inspiração e intuição. A intuição é a formação de idéias diante de estímulos externos ou internos, que suscita, de imediato, o seu afloramento ao nosso consciente, na medida da bagagem possuída. Esse estímulo externo pode ser constituído de idéias provindas de outras mentes, encarnadas ou desencarnadas. Estas idéias constituem a inspiração. Isto é: a intuição pode resultar da inspiração.

- 3 - Como o homem se torna responsável pelos seus atos?
- 4 - Como se inicia a evolução moral?
- 5 - O que é a aura?
- 6 - Qual é a primeira forma de mediunidade?

D) - Prática de renovação íntima

André Luiz - *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 25.

CAPÍTULO 6

CONHECIMENTO E LIVRE-ARBÍTRIO

6.1 - Introdução

Como dissemos, a mônada, no desenvolver-se ao longo do tempo, através dos estágios constituídos pelas diversas espécies, o faz sob a orientação do Plano Espiritual que a conduz e a habilita, pela experiência repetida e em sucessão contínua, a realizar processos necessários ao seu progresso.

É assim que ela assume, primeiro, a reprodução: e, a seguir, a alimentação, os automatismos, os reflexos, etc..., com base na lei do aprendizado, que a envolve no ciclo: nascimento, experiência, morte, experiência, renascimento, ciclo este no qual:

- pela lei da herança, recapitula todas as aquisições feitas, em termos de estrutura, mantendo o estágio alcançado;

- pela lei da repetição, corrige desvios, aumenta o próprio cabedal.

Além disso, como princípio inteligente, aumenta sua capacidade de adaptação ao meio e estrutura implementos novos na sua organização física, constituído de células que

se amoldam às funções que ele próprio determina.

6.2 – Adaptação

Enquanto animal, a Mônada, diante dos estímulos externos, age por reflexos e instintos. Sua resposta é comportamento automático, resultado da adaptação. Seu progresso, sua evolução, consistem de continuadas adaptações a situações novas que lhe são apresentadas de forma planejada e pela experiência repetida. Isto é, em determinada fase, **ela é colocada diante de novas circunstâncias que lhe exigem esforço de ajustamento. Os estímulos, provocados por uma situação nova, lhe provocam uma resposta que não se efetua, de imediato, de forma adequada; mas se realiza de forma apropriada, tanto mais aproximada quanto mais a situação se repete até à acomodação final. Esta, uma vez alcançada, faz com que a resposta se automatize e passe a ser realizada sem esforço, liberando a mônada para a realização de novo aprendizado, não havendo mais necessidade de esforço de adaptação.**

Antes de ingressar no reino hominal, no reino da consciência desperta, do Espírito, a mônada já é possuidora de vasto cabedal de conquistas mentais e fisiológicas, fruto dessa **adaptação às circunstâncias que lhe são colocadas dosadamente pelos orientadores espirituais, visando ao seu progresso, conquistas estas que constituem suas tendências e que se traduzem nos reflexos, nos automatismos, nos instintos. Diante dos estímulos a mente desencadeia a resposta, a ação: na ação instintiva o reflexo determina a atitude.**

6.3 – Conhecimento

Ao ingressar no reino humano a mônada, agora Espírito, adquire a possibilidade de comunicar-se pela palavra estruturada no pensamento contínuo, na razão e na vontade.

Com a aquisição do pensamento contínuo a ação já não é resposta automática. Entre ambas se estabelece um elemento intermediário: A **IDÉIA**, segundo um mecanismo que Emmanuel explica desta forma ([1], nº 1):

*O reflexo esboça a emotividade;
a emotividade plasma a idéia;
a idéia determina a atitude e a palavra,
que comandam as ações.*

A corrente mental, no homem, já não

“...se exprime tão-só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na intuição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável ([2], Cap.X)...”.

Pela continuidade do pensamento, as tendências assomam à consciência na forma de desejos e sentimentos, que se lhe traduzem em idéias, objetivos a alcançar, que fundamentam o agir conseqüente. Mas, ao idealizar, ao mentalizar, o pensamento, pelo fenômeno da indução

“...entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou

encarnadas, que se lhe afinem com as inclinações e desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento ([2], Cap. XI).

Pela razão, pelo intelecto, associa, coordena, reformula, sintetiza as idéias permutadas, modificando o próprio conteúdo mental, de modo que a ação conseqüente já não é mais resposta de suas tendências, mas é resposta que, embora fundamentada nelas, é resultado das idéias fruto desta transformação que elas sofrem com a permuta de idéias afins, portadoras de novos valores, transformação esta efetuada pelo intelecto e que se denomina **conhecimento**.

6.4 – Responsabilidade

a) – A Lei da Herança e a da repetitividade passam a atuar, agora, neste novo modo ampliado de proceder da mente. Pela lei da herança, o **conhecimento** alcançado **passa a constituir**, junto às outras conquistas de caráter fisiopsicossomático, **patrimônio inalienável** do indivíduo que se traduz na intuição (faculdade também evolutiva, ao contrário do que se afirma em certas correntes panteístas), pela qual, uma vez consolidada a aquisição, se manifesta automaticamente deixando à consciência o campo livre para novas conquistas.

b) – A repetição, que possibilita o progresso e o aprendizado, já não é mais conduzida deterministicamente pelos Orientadores Espirituais que, embora continuem a proporci-

onar circunstâncias novas de progresso, alertas e instruções, entregam-na ao livre-arbítrio do homem a quem, sob a **própria responsabilidade**, cabe assumi-la.

Colocado, dosadamente e na medida de sua capacidade de aprender, e com a constante renovação de valores proporcionada pela Revelação, diante de novas circunstâncias, é compelido a esforço de ajustamento. Diante de nova situação, desejos e sentimentos, frutos de suas tendências, despertam-lhe o conhecimento que, pela intervenção da vontade, é submetido ao reflexionar do intelecto, enriquecendo-se de novos aspectos, pelo intercâmbio com outras mentes afins.

c) – Configurada a idéia de ação, passa a agir de uma forma que, de imediato, não é a mais adequada, mas que pode avaliar. Em conseqüência passa a reestruturar sua mentalização num processo repetitivo, até que o conhecimento renovado lhe conduza a ação à forma requerida de adaptação e desenvolvimento, momento em que o conhecimento se lhe automatiza, traduzindo-se em novo nível intuitivo, substrato de aptidões e virtudes aumentadas.

6.5 – Evolução e livre-arbítrio

a) – Enfim, na fase humana, o Espírito é **ENTREGUE AO COMANDO DA PRÓPRIA VONTADE** ([3], Cap. VII). Seu comportamento resulta de sua própria escolha, em função de uma escala de valores que adota, e sugerida **progressivamente**, pela Revelação, através das Religiões, escolha esta

pela qual **nos tornamos responsáveis**. E, à medida que o conhecimento se alteia no homem, mais o processo de desenvolvimento passa a depender dele.

Diz André Luiz, em ([3], Cap. VIII):

"...Nas épocas remotas os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo cehular...; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da consciência cósmica..."

Por ser voluntária, a ação do aperfeiçoamento nem sempre encontra efetivação pelo homem, uma vez que

"...Ele mesmo opera a restauração da onda mental que o personaliza, repelindo as vibrações que o inclinam ao burilamento sempre difícil e à expansão sempre laboriosa, para deter-se no reino afetivo das vibrações que o atraem, onde encontra os mesmo tipos de onda dos que se lhe assemelham, capazes de entreter-lhe a egolatria, no gregarismo das longas simbioses, em repetidas reencarnações de aprendizagem.

A civilização, porém chega sempre.

O progresso impõe novos métodos e a dor estilhaça envoltórios.

As modificações da escolha acompanham a ascensão do conhecimento.

A vontade de prazer e a vontade de do-

mínio, no curso de longos séculos, convertem-se em prazer de aperfeiçoar e servir, acompanhados de autodomínio ([2], Cap.XI).

6.6 – Progresso moral e intelectual

A este respeito lemos, também em Kardec [4]:

"...Pergunta 780 – O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?

– É sua consequência, mas não o segue sempre imediatamente.

Pergunta 780a – Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

– Dando a compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher: O desenvolvimento do livre-arbitrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos seus atos.

O conhecimento realiza-se com o pensar pelo desenvolvimento das idéias, a partir das tendências de cada um, com a reflexão, o raciocínio e o livre-arbitrio, todos eles, por sua vez, faculdades que evoluem. É possível que o indivíduo desenvolva o intelecto sem a conseqüente ação, no isolamento da vida meditativa, com conhecimento de toda a espécie e que acalente desejos não condizentes com o bem comum.

Não ultrapassará, porém, sua faixa evolutiva. Enveredará pelas sendas da fantasia, das irrealidades, estacionando

no campo moral, sem desenvolver aptidões e virtudes, e correrá o risco de envolver-se em atitudes não condizentes com a realidade.

Entretanto, se se afeiçoa aos ditames do bem comum, nas suas realizações, com a repetição dos atos sublimam-se-lhe as tendências, que se traduzem nos desejos e sentimentos de amor, automatizando-lhe o comportamento na prática das virtudes: a bondade, a misericórdia, a humildade, a caridade... no desenvolvimento da moralidade.

A moralidade é posterior ao conhecimento, porque ela se constitui de desejos e sentimentos resultantes da sublimação das tendências realizadas pela repetição dos atos consequentes das idéias, que o Espírito, pela vontade e pelo intelecto, elege por livre escolha.

Não é pelo que o homem diz que se lhe conhecem as qualidades; mas é pelo agir e pelas obras.

O progresso só se realiza com a automatização do bem em nosso comportamento. Por isto, Emmanuel diz que a sabedoria e o amor são as duas asas que nos conduzirão ao progresso. E é pelo mesmo motivo que André Luiz afirma terminar, para nós, o ciclo das reencarnações no estágio hominal, quando tenhamos automatizado o comportamento evangélico.

A) – Bibliografia

- [1] – Emmanuel – *Pensamento e Vida*
- [2] – André Luiz – *Mecanismos da Mediunidade*
- [3] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*

- [4] – Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*
- [5] – Imão X – *Luz Acima*, cap. 18

B) – Leituras complementares

Os capítulos da bibliografia citada no texto.

C) – Perguntas

- 1 – O que se entende por Lei da Herança e Lei da Repetição?
- 2 – Em que consiste a adaptação da mônada às várias circunstâncias?
- 3 – De que forma, na fase humana, o comportamento depende do conhecimento? Explique-o.
- 4 – De que forma a evolução é entregue à responsabilidade do homem?
- 5 – Como se processa a escolha de nosso comportamento?
- 6 – Qual a relação entre conhecimento moral e intelectual?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 26.

CAPÍTULO 7

AS RELIGIÕES PRIMITIVAS

7.1 – Introdução

Verificado como se formam as faculdades humanas, estudemos agora como se desenvolve a Religião.

a) – Pouco sabemos das primitivas crenças. Temos, entretanto, entre os povos selvagens da atualidade, os remanescentes dos povos que viveram o estágio dos primeiros homens e as correspondentes idéias.

Do ponto-de-vista científico, o que sabemos a esse respeito, nos é fornecido por várias fontes: a História, a Arqueologia, documentos antigos e, principalmente, pelos testemunhos vivos dos representantes ainda existentes – as tribos mais selvagens da Austrália, da África, do Brasil Central. Não fora o estudo efetuado entre estas tribos selvagens, pouco se saberia a respeito.

O que se sabe, deve-se, essencialmente, ao esforço de alguns estudiosos, missionários que entre elas viveram. As descrições, entretanto, são todas eivadas de interpretações

materialistas ou religioso-dogmáticas, que pretendem desconhecer a validade da Revelação mediúnica e seu caráter progressivo.

b) – Do ponto-de-vista espírita, não há um estudo mais profundo, o que dificulta um maior entendimento. Entretanto, necessário se faz penetrar-lhes o significado, para poder evidenciar, neles, o princípio evolutivo que governa o desenvolvimento das Religiões, a evolução de seus conceitos, desde as formas mais primitivas às formas mais recentes, quais as do Espiritismo.

Disto ressaltará, também, como diz Challaye em *As Grandes Religiões*, o valor positivo da participação das Religiões na evolução do homem, constituindo-se em um dos pilares para a edificação do seu progresso, feita de qualidades e virtudes, de fatores que impulsionam para rumos mais altos e que, a cada uma, confere valor, grandeza, nobreza, considerando como fatores secundários e inevitáveis os aspectos negativos, representados pelo fanatismo intolerante, credices e superstições.

7.2 – O totemismo

a) – As formas de Religião mais primitivas são as encontradas no paleolítico, no qual o homem vive o estágio da caça e da pesca, e no qual a sociedade está fundamentada nos laços do parentesco, dos ancestrais comuns, denominados Totens. Daí a palavra **TOTEMISMO**. Seus representantes atuais, como dissemos, são as tribos de selvagens, hoje existentes.

Os primeiros problemas que se apresentam à mente primitiva, a sugerir-lhe a idéia de alma, de vida além da morte, são os sonhos, o sono, a morte, bem assim as reminiscências que ela guarda da vida espiritual e do contato que, no sono ou em vigília, mantém com os desencarnados, pelo fenômeno da reflexão de idéias, pelo qual os homens melhores atraem os Espíritos adiantados, enquanto os revoltados e rebeldes se envolvem com entidades da mesma classe, enovelando-se nos crimes, obsessões e enfermidades mentais.

Em seu entendimento nascituro, entretanto, não se faz uma idéia melhor da vida espiritual, a ponto de não fazer muita distinção entre a vida em sonho e a vida em vigília. Entende que, nela, a alma se separa do corpo e que pode continuar a ele relacionada ou reencarnar em outras pessoas, em animais ou em plantas, ou mesmo desaparecer definitivamente.

b) – No seu entendimento elementar, o primitivo entende que a alma participa de tudo que diz respeito ao corpo: dos pêlos, das excreções, das lágrimas, do suor, etc... Crê que atuar sobre estes elementos é atuar sobre ela e, portanto, sobre os indivíduos. Ela mesma pode ser roubada, comida, substituída. Por isso, considera necessário precaver-se, para que nada do que é seu possa cair nas mãos de indivíduos mal-intencionados. Imagina ainda que, embora separada do corpo, necessite de alimentos, bebidas, honrarias, etc..., o que, aliás, é reforçado pelos contatos que tem com os desencarnados que buscam, em processo de simbiose, auferir de fluidos que os encarnados lhes possam oferecer.

Acredita, também, na existência de um princípio – o

maná – pelo qual todos os seres podem influenciar-se mutuamente, por si mesmos ou por suas ações – um princípio que fortalece e proporciona a aquisição de qualidades, pelo qual objetos e seres emitem ou recebem forças, virtudes e qualidades de outros seres e objetos que com ele possam relacionar-se. Por isto se considera parente dos animais ou plantas mais abundantes da região, por comê-los ou com eles conviver.

c) – Crê, ainda, que os mortos, ao subsistir-lhes a alma, adquirem poderes sobrenaturais, tornando-se a causa livre e independente dos fenômenos naturais, de tudo aquilo que não compreendem, relacionando a eles a garantia da subsistência, do bem-estar e da prosperidade. Daí considerá-los como seres sagrados, objeto de culto a quem devem manter como amigos, parentes, protetores naturais, aos quais se podem pedir auxílio, proteção, facilidades, e barganhar favores.

7.3 – Cultos e ritos

a) – O primitivo dedica culto aos mortos no intuito de garantir-lhes a sobrevivência, que considera indispensável à vida coletiva e que, por isto, se deve constituir em preocupação primordial.

Entre os que se destacam em vida, que mais se adiantam assimilando correntes mentais dos Espíritos mais avançados, deixam orientação – são os portadores de revelações, os que estabelecem regras de comportamento coletivo. Por

isto, passam a ser considerados mais poderosos, depois de mortos, e se lhes atribui a causa dos astros, dos raios e da origem das coisas.

b) – Destas crenças surgem:

- os ritos e as práticas religiosas;
- a distinção entre sagrado e profano;
- a noção de tabu,

que eles emolduram de fantasias, com a imaginação própria de suas concepções nascituras.

Sagrado passa a ser tudo que se relaciona aos mortos; **profano**, o resto, o trabalho inclusive por se constituir ele tão-somente o lidar com as coisas vulgares da vida.

Tabu é toda sorte de proibições tendentes a evitar que se maculem as coisas sagradas com as profanas. Isto dá margem à existência de abstenções, privações, sacrifícios, que devem constituir-se num tributo à manutenção da solidariedade e do auxílio entre os membros de um totem, tais como:

- não matar ou comer o animal totêmico, a não ser em determinadas cerimônias que se constituem em verdadeiras comunhões;
- não falar durante as cerimônias sagradas;
- e outras.

c) – Lidar com as coisas sagradas confere dignidade religiosa, que não é difundida igualmente. Os velhos a possuem mais que os moços; os homens mais que as mulheres. Os jovens, para adquiri-la, têm de submeter-se a uma severa

iniciação – um novo nascimento –, após o qual, e depois de um certo período de práticas, podem entrar em relação com as coisas sagradas.

O selvagem acredita poder influir com gestos e palavras nos acontecimentos. Gestos e palavras são forças: imitando um evento ele acontecerá. Assim, derramando água de certa forma choverá; meneios com a emissão de sons, imitando certa espécie de animal, garantirão sua reprodução abundante. Diante das inúmeras situações, os ritos se diversificam, cada qual especificamente dirigido para cada caso ou ocasião.

7.4 – O animismo

a) – O Animismo apresenta-se como evolução do Totemismo, consequência do progresso do indivíduo que saindo dos estágios mais rudimentares da pesca e da caça, avança para as primeiras formas sedentárias da vida social, ao iniciar-se no cultivo da Terra.

Passa-se a considerar a Metempsicose com mais amplitude pela qual os Espíritos, entende-se, povoariam todos os rios, mares, montanhas, objetos, além de encarnarem em animais e plantas.

A crença no poder dos mortos se transforma na concepção de divindades que o possuem umas mais que outras, atribuindo-se às maiores, a origem do mundo e dos seres.

b) – A idéia de maná também se amplia para ser concebida como força que anima a Natureza. Sua obtenção mereceria todos os esforços. Sobre ela se instituem a magia e a feitiça-

ria, pelas quais se supõe que, atuando sobre pertences ou imagens de alguém, ou procedendo por gestos, pode-se provocar o desencadear de acontecimentos benfazejos ou malfazejos à pessoa visada.

Nesta idéia de maná e das concepções a ele relativas, se situam as primeiras experiências concernentes ao magnetismo humano, pelo qual as criaturas se influenciam reciprocamente, notadamente pelo passe. As concepções que sobre ele se elaboram, sem dúvida refletem a primitividade das mentes que as elaboraram, emoldurando-as de credulidades e superstições, principalmente porque, até o surgimento da Psicologia Experimental, da Metapsíquica e do Espiritismo, tais fatos jamais foram estudados, quando não tidos como alucinações de mentes desajustadas.

Hoje, entretanto, entende-se que eles já não podem deixar de ser considerados, pelo impedimento de preconceitos e proibições de caráter dogmático.

c) – A magia e a feitiçaria, em sua essência, constituem o desenvolvimento das idéias e práticas pelas quais se supõe que as palavras ditas de certa forma são forças; que,

imitando acontecimentos, eles ocorrem;

quebrando imagens, ferem-se ou destroem-se os indivíduos que elas representam;

pode-se conferir poder mágico a objetos,

o que possibilitaria evitar desgraças, produzir felicidade, dando margem ao surgimento de toda espécie de superstições, amuletos, feitiços e talismãs.

7.5 – Mediunidade espontânea

Diz André Luiz, em ([2], Cap.XVII), que o homem, no sono, começa a aprender a desligar o Espírito do corpo físico, em desprendimento parcial, ambos permanecendo ligados apenas por laços fluidomagnéticos.

Dado que o pensamento flui com continuidade, a mente, aliviando o controle sobre o corpo físico, ensimesma-se em seus próprios pensamentos, plasmando as imagens motivadas por seus próprios desejos e intenções relativas ao que almeja alcançar. Ou então sofre as conseqüências dos seus excessos ou do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos se estruturam nas situações deprimentes e obsessivas.

Além disso, pelo desprendimento parcial, se desloca acompanhando o impulso da corrente mental, para os objetos do seu interesse.

Deste modo

“...o lavrador retorna ao campo em contato com as entidades que amparam a Natureza; o escultor, ao bloco de mármore; o seareiro do bem, à leira do serviço em que se lhe desenvolve a virtude; o culpado, ao lugar do crime, cada qual recebendo dos Espíritos afins os estímulos elevados ou desagradáveis de que se fazem merecedores ([2], Cap. XVII).

b) – Consolidadas tais relações com o Plano Espiritual, pela hipnose, as pessoas, que tinham ligações menos estreitas entre o corpo espiritual e o corpo físico, em certas partes do corpo

somático, passaram a ter, em vigília, as mesmas observações que tinham durante o sono, que se foram acentuando, segundo o grau de cultura que foram desenvolvendo, configurando a mediunidade espontânea ([2], Cap. XVII).

Se fossem os órgãos da visão a possuírem esta relação menos estreita, manifestava-se a clarividência; se os órgãos da audição, a clariaudiência; e analogamente várias outras modalidades, dentre as quais os fenômenos de materialização, fundamentados na emissão do ectoplasma, condensação de princípios obtidos dos recursos periféricos do citoplasma, associados a outros fluidos que os Espíritos colhem do meio ambiente.

c) – E do mesmo modo que o homem do paleolítico inferior evolui para os estágios mais avançados do paleolítico superior, em que a inteligência artesanal se amplia, proporcionando o início de atividades tais como: a cerâmica, a carpintaria, a tecelagem, a construção de habitações, o uso do fogo e de metais, a iniciação nas artes do desenho, da pintura, da escultura nas rochas, também as peculiaridades mediúnicas se ampliam, se diversificam, contribuindo para o desenvolvimento das tarefas, da cultura, das práticas religiosas, pelo

“...correio que se estabelece entre os dois planos...” (idem).

Entretanto, diz André Luiz, os médiuns, pela ignorância, não

“...puderam realizar que a fascinação recíproca ou magia elementar, em que os

desencarnados, igualmente inferiores, eram aproveitados, por via hipnótica, na execução de atividades materialistas, sem qualquer allicerce na sublimação pessoal..." (Idem).

7.6 – A origem da mitologia

No fim do Paleolítico Superior (de 50.000 a 5.000 anos a.C., dependendo das regiões), em que o homem adentra mais no estágio agrícola, certos Espíritos, daqueles que ao passar por este plano marcaram sua passagem de forma mais marcante, passaram a ser considerados mais importantes que os outros. É o aparecimento dos deuses.

Em virtude disso, os fenômenos passaram a ser entendidos como sendo o resultado de dramas ocultos entre estas entidades, dramas estes cujos relatos constituíram os mitos nas explicações dos acontecimentos, dos quais o homem tende a inferir aplicações práticas, dirigidas ao sucesso, ao bem-estar e à felicidade dos vivos – prenúncio das teorias.

Imagina, o homem nesse estágio, que tudo se originaria da vontade dos deuses, em obediência única e exclusiva de suas preferências e caprichos. Cultuá-los e dirigir-lhes oferendas constituir-se-ia em fator capaz de alterar-lhes as disposições em favor daqueles que lhes dirigissem homenagens.

Esta é uma das principais razões pelas quais os cultos e ritos enriqueceram tais crenças, fazendo com que suas influências se estendessem até nossos dias, sustentadas pelas religiões que delas ainda não se desvencilharam.

Basta dizer que, até bem pouco tempo, a cultura, a educação, constituíam-se em grande parte do seu estudo, pelo grande número de anos que os escolares tinham de dedicar ao estudo do latim e do grego, as duas línguas que veiculavam as formas mitológicas mais avançadas de que se tem conhecimento.

A) – Bibliografia

- [1] – André Luiz – *Nosso Lar*
- [2] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*

B) – Leituras complementares

- Francis Celória – *Arqueologia* (Coleção Prisma – Melhoramentos)
- Felicien Challaye – *Pequena História das Grandes Religiões*
- Darcy Ribeiro – *Os Índios e a Civilização*

C) – Perguntas

- 1 – O que é Totemismo?
- 2 – Do que surge, para o selvático, a idéia de alma e da sobrevivência?
- 3 – Qual o significado dos cultos e dos ritos?
- 4 – O que é o Animismo?
- 5 – O que é a magia?
- 6 – O que é a mediunidade espontânea?
- 7 – O que são os mitos?

D) Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 27.

CAPÍTULO 8**A ORIGEM DO BEM E DO MAL****8.1 – Introdução**

a) – A passagem que o ser espiritual efetua do estágio animal para o estágio hominal se efetua, essencialmente, pela aquisição, por ele, do pensamento contínuo, da razão, da vontade, e do livre-arbítrio. Entretanto, ele tem um passado, conquistas, tendências, que se traduzem em idéias e comportamentos, quando atuadas pelos estímulos do meio em que se situa.

Recapitulando, o pensamento contínuo, nos períodos de inação, suscita a meditação pela qual a mente exterioriza suas idéias, capta as que lhe são afins, as coordena, as relaciona entre si pelo intelecto que se lhe desperta, constituindo, na sua forma inicial intuitiva, o

“...intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nos-

sa ... " ([1], Cap. XVII).

Inicialmente dotado de instintos, com base nos quais o comportamento se lhe resulta resposta automática aos estímulos, segundo suas próprias tendências, pela meditação vê-se-lhe crescer o campo mental que, com a participação da vontade, o habilita a preparar a ação sobre a idéia pré-elaborada.

Inicia-se-lhe a modificação dos instintos, com a substituição gradativa dos impulsos pela ação refletida, sob sua responsabilidade.

Com o desprendimento do corpo espiritual, que aprende a realizar durante o sono, estabelece melhor contato com o Plano Superior e, com o raciocinar, instado pelos Instrutores Amigos, começa a indagar quanto às questões que enfrenta e reconhece que, atuando, pode influir para obter mais.

b) – No campo moral, impelido a aceitar os princípios de renovação e progresso pelo amor à prole, a instituição da família e da prosperidade, a noção de direito sobre o alicerce das obrigações respeitadas, pela qual se impõem regras de conduta para não impor ao semelhante o que não deseja para si, inicia a evolução do ponto-de-vista moral.

Na morte, a vida se lhe apresenta em continuação, colocando-lhe novos problemas que, de início, não entende.

Desencarnado, continua em estágio educativo, no qual soma as experiências vividas e incorpora a sementeira praticada no campo físico.

8.2 – A cultura primitiva

Diz André Luiz ([1], Cap. XIII) que, para o selvagem, a vida no Plano Espiritual é incompreensível. Desperta nela qual menino aterrado. Permanece junto aos seres do plano carnal, em vários processos de simbiose, e não tem outro pensamento senão voltar.

Desencarnado ou encarnado, sua mente começa a absorver, em baixa dosagem, as idéias renovadoras que lhe são sugeridas no Plano Superior.

Desponta

“a inteligência artesanal, instalando a indústria elementar do utensílio...”

Pela troca dos pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos” ([1], Cap. XIII).

8.3 – A desencarnação

A morte é explicada por André Luiz como uma metamorfose, que podemos entender análoga à metamorfose dos insetos.

Assim, a larva, com o tempo, se torna **pupa**, se imobiliza; e se transforma em crisálida, num casulo feito com a secreção de suas vibrações psicossomáticas, destrói seus órgãos, ao mesmo tempo que constrói outros novos. Realizada a metamorfose, ressurgue renovada como borboleta, modificada, mas o mesmo indivíduo, somando em si as experiências de todos os estágios vividos.

Analogamente, o ser humano, na morte, cessa os movimentos, encasulado no cadáver. Nesta fase, ensimesmado nos próprios pensamentos – secreções de sua mente – recapitula, em retrospecto e automaticamente, todas as experiências, os fatos, os acontecimentos vividos, liberando energias afins à natureza destes pensamentos, que lhe destroem os órgãos, ao mesmo tempo que imprimem, magneticamente, às células, diretrizes para a formação de outros órgãos para o novo ciclo de evolução em que ingressam, como indivíduo renovado, mas sempre o mesmo.

Com isto, ressurgue no Plano Espiritual com peso específico, resultante do corpo que elaborou, e com materiais mais ou menos grosseiros, segundo a natureza dos próprios pensamentos, continuando, além-túmulo, a caminhada educativa, somando as experiências das fases vividas e recebendo a orientação e o influxo das Inteligências Superiores em sua marcha laboriosa para mais elevadas aquisições.

b) – Como já dissemos em ([4], Cap. 7), no plano extrafísico encontra a matéria em diferentes formas de condensação, e se situa no solo que corresponde à densidade do seu Espírito, junto a outros, formando comunidades mais ou menos felizes, segundo a natureza dos próprios pensamentos ([1], Cap. XIII).

Nesse novo Plano,

“...a consciência desencarnada, neste estágio já relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento – o fluido em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos ([1], Cap. XIII).

8.4 – A simbiose espiritual ([4], Cap. 7)

a) – O ser espiritual precisa adaptar-se à nova vida no plano extrafísico; desenvolver recursos de sustentação, frente às novas condições vibratórias que o mesmo plano lhe impõe.

Não o fará de imediato

“...Arreatado aos que mais ama e ainda incapaz de entender a transformação da paisagem doméstica de que foi alijado, revolta-se comumente contra as novas lições da vida a que é convocado, em plano diferente, e permanece fluidicamente algemado aos que se lhe afinam com o sangue e com os desejos, comungando-lhes a experiência vulgar...” ([1], Cap. XIV).

A fixação do pensamento em voltar imobiliza-o; atrofia-lhe os órgãos do corpo espiritual, e o pensamento

fixo-depressivo faz com que seu corpo espiritual se reduza a uma forma ovóide que, ao calor do vaso genésico da mulher, ressurgue segundo as leis da reencarnação em novo corpo físico, recapitulando, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética.

b) – André Luiz estabelece analogia com a simbiose entre o cogumelo e a alga, no âmbito dos líquens.

O cogumelo intromete filamentos nas células da alga; suga-lhe matérias orgânicas por ela elaboradas por meio da fotossíntese. Reciprocamente, a alga se serve dele contra a perda d'água e lhe recolhe, por absorção permanente, água, sais minerais, gás carbônico e elementos azotados, motivo pelo qual os líquens conseguem superar as maiores dificuldades do meio.

Sem essa simbiose, cada componente teria vida frágil e precária.

Analogamente, o primitivo

“...amedrontado perante o desconhecido, vale-se da receptividade dos que lhe choram a perda e demora-se colado aos que mais ama. Com isto, lança as emanações do seu corpo espiritual para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, subtraindo-lhes a vitalidade, elaboradas por eles na biossíntese...” ([1], Cap.XIV)...

A mente encarnada entrega-se inconscientemente ao

desencarnado que lhe controla a existência, sofrendo-lhe domínio parcial, mas em troca, em face da sensibilidade excessiva de que se reveste, passa a viver necessariamente protegida contra o assalto de forças ocultas ainda mais deprimidas.

c) – Em tais processos simbióticos, o desencarnado subjuga a mente do encarnado e, refletindo-se mutuamente, passam a viver desta forma, até que a vida, pela dificuldade, pela dor, lhes imponha a alteração rumo ao progresso e a novos estágios de evolução.

É nesta conjugação de mentes que se formam as concepções do mundo primitivo. O Plano Superior comunica ao desencarnado, este ao encarnado.

Mentes mais voltadas para o bem, mutuamente apoiadas, colhem do Plano Superior, através do desencarnado, noções de elevação moral, de orientação para o desenvolvimento de atividades de caráter artesanal, que beneficiam o meio em que se vinculam. Por eles instituem-se as noções primeiras que fundamentam a cultura no estágio em que se encontram, as primeiras concepções de bem, de mal, de sagrado, de profano, etc., que se emolduram das interpretações e simbolismos que suas mentes infantis elaboram, segundo os poucos recursos de sua imaginação.

É o que se passa conosco. Entidades de menor porte espiritual comunicam-se conosco, muitas vezes, como intermediários do Plano Maior, pela maior facilidade que encontram, ao estabelecer o intercâmbio.

Mentes entregues à revolta, ao medo, ao ódio, aos impulsos gerados por tais sentimentos, patrocina as manifes-

tações do mal, pelas quais geram, em conseqüência de suas faltas, reencarnações reparadoras e de reajustamento, pela dor e sofrimento.

d) – Em outras circunstâncias, ainda, o desencarnado, eivado de ódio e perversidade, atua sobre as próprias vítimas, inoculando-lhes fluidos letais, se não impondo-lhes a própria morte.

Desta forma, a simbiose espiritual existe entre os homens encarnados e desencarnados, nas mais variadas formas de mediunismo consciente ou inconsciente, pelas quais os desencarnados, por ignorância ou por fraqueza, sugam a vitalidade dos encarnados até que estes,

“...com a força do seu próprio trabalho, no estudo edificante e nas virtudes vividas, lhes ofereçam material para mais amplas meditações, pelas quais se habilitem à necessária transformação com que se adaptem a novos caminhos e aceitem encargos novos, à frente da evolução deles mesmos no rumo das esferas mais elevadas” ([1], Cap. XIV).

A) – Bibliografia

- [1] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*
- [2] – André Luiz – *Missionários da Luz*
- [3] – André Luiz – *Os Mensageiros*
- [4] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima*

B) – Leituras complementares

- [1] – Capítulo XIV
- [2] – Capítulos VIII, XIII, XIV e XV
- [3] – Capítulos 37 a 42

C) – Perguntas

- 1 – Quais conseqüências acarreta o pensamento contínuo, na criatura?
- 2 – Como se inicia a vida espiritual para o primitivo?
- 3 – Como é explicada a desencarnação por André Luiz?
- 4 – Como resulta situado o desencarnado no Plano Extrafísico?
- 5 – O que é forma ovóide?
- 6 – O que é simbiose espiritual? É útil? É duradoura? Como termina?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 29.

CAPÍTULO 9

PROVAS E REENCARNAÇÃO

9.1 – Vampirismo e obsessão

a) – Assim como há formas úteis de associação, como nas simbioses, há também formas prejudiciais, tais como as micorrizas das orquidáceas, em que o cogumelo invade a raiz da planta, provocando-lhe, às vezes, até a morte.

Em geral, nessas associações, uma das partes, após insinuar-se, cria vantagens para si, em prejuízo da outra, podendo estabelecer situação exploradora de longo curso, por adaptação progressiva entre o hospedeiro e o parasita, que atua até a produção de sérios embaraços, nas funções dos órgãos do hospedeiro (Vide [1], Cap: XV).

b) – Nos indivíduos, as associações prejudiciais se encontram nas ligações de obsessão e vampirismo, existentes desde os primórdios da fase humana. Rebelando-se, em grande maioria, contra as sagradas convocações, e livres de escolher o próprio caminho, os desencarnados, em grande número, continuam a oprimir os desencarnados, disputando afeições e riquezas com os que ficam na carne, ou tentando

empreitadas de vingança e delinquência, quando desencarnados em circunstâncias delituosas.

As vítimas de homicídio, brutalidade e perseguição, fora do vaso físico, entram na faixa dos ofensores e, em vez de perdoar, lançam-se a vinditas atrozes, implantando, para eles e para si, extensa cadeia de trevas.

Outros, obstinados a fazer justiça por si mesmos, envolvem os que visam e, auto-hipnotizados por imagens em que se fixam, sofrem transformações morfológicas no campo espiritual, cujos órgãos, por falta de uso, se atrofiam. Assumem forma ovóide, permanecendo vinculados às próprias vítimas ligadas por afinidade de pensamentos, de ódio, de egoísmo ou de viciação (Vide [2], Cap. VII).

O obsessor absorve as forças psíquicas do obsidiado numa situação que, por vezes, se prolonga além da morte física, até que, pela reencarnação, ambos encontrem o caminho da reconciliação.

9.2 – Castigo, dor e sofrimento

a) – Dor, sofrimento, provas, permanecem relacionadas aos imperativos da lei da ação e reação, em que a noção de castigo adquire expressão nova.

A noção habitual de castigo, em outras crenças, está imbuída de conotações relacionadas à noção de pecado como ofensa a Deus, de castigo ministrado por Ele, de uma condenação que pode ser eterna, em virtude da ofensa que é infinita, porque proporcional ao grau do ofendido.

b) – A noção de justiça, entretanto – diz André Luiz –, permanece relacionada à repressão da sociedade contra as causas que lhe introduzam desordem e harmonia e, portanto, exercida pelos espíritos, no plano extrafísico, tal como ela é exercida aqui no plano físico ([1], 2ª. Parte, Cap.VI).

E ela é efetuada no meio em que o Espírito se situa. Nas regiões de sofrimento – o Umbral – ela é exercida por Espíritos da mesma faixa vibratória que a do culpado e pode assumir feições bastante duras e rudes [5]. Nos meios mais evoluídos, ela é exercida com maior propriedade, por magistrados de maior envergadura de

“Espíritos integrados no conhecimento do Direito, com dilatadas noções de culpa e resgate, erro e corrigenda, psicologia humana e ciências sociais, a fim de que as sentenças ou informações proferidas se atenham à precisa harmonia, perante a Divina Providência, consubstanciadas no amor que ilumina e na sabedoria que sustenta” ([1], 2ª. Parte, cap.VI).

c) – Quanto à dor e ao sofrimento, em geral, dizem respeito aos desajustes provocados por comportamentos que nos desconcertam em relação à ordem e à harmonia com o meio e o semelhante, e que é necessário restabelecer.

Para isto, em geral, o Espírito muitas vezes escolhe a própria oportunidade de restauração. O que não significa que devamos, em idênticas condições, passar pelas mesmas coisas que provocamos. Basta que nos devotemos ao bem para que, atraindo forças benéficas, possamos transformar as circunstâncias e criar condições aptas a nos favorecer, com a

intercessão de Espíritos amigos que, em nos vendo modificados, podem interceder com as mais variadas formas de auxílio ([1], Cap.XV).

9.3 – Remorso e arrependimento

Se no pensamento reside a força criadora pela qual as almas desenvolvem suas faculdades e o seu aprimoramento, mutuamente relacionadas por afinidade, nele também residem os meios pelos quais as mentes transviadas são automaticamente detidas em sua marcha e reconduzidas ao pensar equilibrado e à atividade remissora.

Diz André Luiz em [1]:

“...É da lei divina que o homem receba, em si mesmo, o fruto da plantação que realizou, visto que, nos órgãos de sua manifestação, recolhe as maiores concessões do Criador, para que efetive o seu aperfeiçoamento na Criação...”

Pois bem, a mente controla o corpo através das ligações dos centros de força com o corpo, pelo que se estabelece a ação resultante de nossa escolha. Tais ligações trazem de volta sua essência à mente, a fim de que se ajuíze o acerto ou o desacerto de nossas decisões.

Sempre que o acontecido provoque desarmonia ou desordem, produz-se um estado de turvação, de conturbação da mente, pelo qual, automaticamente, ela se fixa nos

quadros relacionados às culpas contraídas, sem poder desviar deles a contemplação e sem poder fixar-se em outros.

“...Escutará exclusivamente vozes acusadoras que lhe apontem os compromissos inconfessáveis; ...recordará apenas os acontecimentos que se lhe refiram aos padecimentos morais, com absoluto obvido dos outros ...num monoideísmo que as isola nas recordações ou emoções, ...no qual, o pensamento, em circuito fechado, e por ficar reforçado pelos pensamentos de outros afins, materializá pesadelos fantásticos em conexão com as lembranças que albergam...” ([1], Cap. XVI).

9.4 – Resgate

a) – Resumindo, as criaturas culpadas, pelo remorso e pelo arrependimento, se fixam nos quadros das más ações cometidas e, os ofendidos, sequiosos de vingança ou criminalidade, atendo-se aos mesmos quadros, estabelecem ligações de provação e sofrimento.

Os estados de conturbação provocados pelo proceder contrário ao bem comum, em função das forças que se estabelecem pela revolta, pelo remorso, pelo arrependimento, pelas acusações dos que se sentiram prejudicados, atuam sobre os núcleos energéticos da alma para detê-la nos

“...quadros terríficos que lhe digam respeito às culpas contraídas, sem capacidade para observar paisagens de outra espécie; escutará

exclusivamente vozes acusadoras que lhe testemunharam os compromissos inconfessáveis, sem possibilidade de ouvir quaisquer outros valores sônicos, tanto quanto poderá recordar acontecimentos que se lhe refiram aos padecimentos morais, com absoluto olvido de fatos outros, até mesmo daqueles que se relacionem com a sua personalidade ([1], Cap. XVI).

E, dessa forma, até que se esgotem os motivos que alimentam tais estados, vive o Espírito torturado pelas imagens, frutos de suas culpas. E por ser o pensamento o veículo de forças que atuam na matéria, tal qual se apresenta no mundo extrafísico, tais imagens, se reforçadas por outras do mesmo teor, plasmam paisagens regenerativas, regiões em que a consciência culpada expia as conseqüências de seus atos, de seus delitos,

“...lugares, retendo a associação de centenas de milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura e a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram de si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor ([1], Cap. XVI).

9.5 – Zonas purgatorias

São as regiões e quadros que, oferecendo-se aos videntes, dão margem às idéias de inferno, de **ZONAS purgatorias**, citadas em muitos credos religiosos e que não são meras concepções fantasiosas, mas sim realidades que o Espírito culpado enfrenta e das quais não pode libertar-se em pouco tempo [3], [5].

Com eles, os **Agentes do Amor Divino** intervêm caridosamente no sentido de subtraí-los às penas e à aflição, tal qual o médico cura as doenças sem julgar, buscando apenas socorrer a necessidade. Mas assim como o médico pouco ou nada poderá fazer se o doente não se dispuser à reação, assim os **Missionários do Bem** nada poderão enquanto não se desfizerem, nos socorridos, as influências das aflições, das criações mentais em que se envolveram.

Isto não significa que no Plano Extrafísico não haja justiça, tribunais, como já citamos, nem defesas. Lá, como cá, trata-se de uma sociedade organizada e, portanto, com todos os instrumentos e instituições aptas a garantir o equilíbrio, a paz e o desenvolvimento da Sociedade.

André Luiz em ([2], Cap. XX) narra das **DEFESAS CONTRA O MAL**, em que descreve fortificações e armas contra as organizações do mal que, continuando suas operações no além-túmulo, uma vez que a morte não modifica ninguém, ameaçam a paz e a harmonia.

Em [7], André Luiz narra também do Umbral e das providências enérgicas que se fizeram necessárias, quando em Nosso Lar se tratou de resolver problemas de alimentação ([7], Cap. IX).

9.6 – A oportunidade renovada

A reencarnação sempre se oferece como nova oportunidade, para o retorno ao aprendizado prático das lições em que a alma faliu.

No Espírito encarnado, o pensamento espraia pela alma as radiações mentais que produz, nas quais se refletem as imagens que o Espírito cultua, irradiando-as e exteriorizando-as. Por isto, os homens melhores atraem a companhia dos Espíritos melhorados, ocasionando núcleos de progresso que geram trabalhos edificantes e educativos; enquanto os rebeldes alicerçam a companhia de entidades da mesma classe.

No sono tornam-se mais suscetíveis à influência dos desencarnados, beneficiando-se os primeiros, em orientação e auxílio, tornando-se vítimas, os segundos, de uma atuação que lhes suga energias e lhes assopra sugestões infelizes.

Essa faculdade de permuta de idéias e influência é o que alguns denominam de mediunidade intuitiva, comum a todos, e que André Luiz denomina de **MEDIUNIDADE INICIAL** [1].

A ignorância faz com que alguns não ultrapassem os limites das relações com espíritos atrasados, estabelecendo a magia negra, enquanto outros, em contato com **Espíritos mais avançados, veiculam a Religião em forma de Mitologia**, em que Orientadores familiares são levados à conta de Deuses. O conflito entre o Bem e o Mal se estabelece com a participação dos dois Planos de uma forma que está longe, ainda, de terminar.

A) – Bibliografia

- [1] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*
- [2] – André Luiz – *Os Mensageiros*
- [3] – Allan Kardec – *O Céu e o Inferno*
- [4] – Ivone Pereira – *Memórias de um Suicida*
- [5] – André Luiz – *Libertação*
- [6] – André Luiz – *Ação e Reação*
- [7] – André Luiz – *Nosso Lar*

B) – Leituras complementares

As dos capítulos da Bibliografia, citados no texto.

C) – Perguntas

- 1 – Explicar o Vampirismo.
- 2 – Explicar a Obsessão.
- 3 – Explicar as situações familiares de prova.
- 4 – Qual a função da dor?
- 5 – Como se realiza a reconciliação com inimigos?
- 6 – Explique o remorso.
- 7 – O resgate de provas é castigo ou queda?
- 8 – Como atua o Plano Espiritual em relação aos culpados?
- 9 – A reencarnação é castigo ou oportunidade? Explique.

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 30.

CAPÍTULO 10

SEXO E REENCARNAÇÃO

Introdução – a mentossíntese

a) – Como já dissemos, a mônada, ao despertar no mundo orgânico, inicia sua caminhada evolutiva, assimilando e assumindo, gradativamente, funções indispensáveis ao próprio crescimento. No plano do sustento próprio, para a execução dos processos que a vida lhe impõe e na salvaguarda do equilíbrio, desenvolve meios de permuta de elementos com o meio ambiente, que lhe garantem a própria segurança do ponto-de-vista material e energético.

No mundo das plantas ela se serve da fotossíntese; no domínio de certas bactérias, da quimiossíntese. Entre os seres superiores, utiliza a biossíntese pela qual as manifestações se lhe estruturam na

“...metamorfose contínua das forças que lhe alcançam a máquina fisiológica, através dos alimentos necessários à restauração constante das células e ao equilíbrio dos reguladores orgânicos ([1], Cap. XIV).

b) – Na fase humana, pelo pensamento contínuo, razão e livre-arbítrio, processos mentais e comportamento assumem aspectos novos, relacionados à interposição, entre ambos, das idéias.

As tendências, que antes se traduziam em impulsos de interesse accidental, provocados pelo caráter intermitente das necessidades orgânicas, assumem agora a forma de desejos constantes, configurados em idéias e imagens, constituindo forças que impelem à consecução de determinados objetivos, como estímulos permanentes à experiência, ao mesmo tempo que

“...prefigura-se-lhe n' alma a excelssitude do amor encravado no egoísmo, como o diamante em formação no carbono escuro...” ([1], Cap. XIV)

c) – Tais forças atuam em duas direções:

– uma, estabelecendo intercâmbio indutivo com outras mentes encarnadas e desencarnadas, na construção do conhecimento, pelo qual tais forças se modificam, se transformam nos fenômenos da associação de idéias e do raciocinar, modificando o comportamento do indivíduo;

– outra, governando seu próprio cosmo fisiopsicosomático, cujo equilíbrio e desenvolvimento, agora, fica na dependência da natureza de pensamentos que cultiva.

Lemos em ([1], Cap. XIII):

“...É pelo fluido mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado.

Pela troca de pensamentos de cultura e de beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos...

Com a difusão do plasma criador oriundo da mente, em circuitos contínuos, consolida-se a reflexão avançada entre o Céu e a Terra, e os fluidos mentais, ou pensamentos atuantes, no reino da alma, imprimem radicais transformações no veículo fisiopsicosomático em que o homem, herdeiro da animalidade instintiva, continua, até hoje, no trabalho progressivo de sua própria elevação aos verdadeiros atributos da Humanidade.

Assim sendo, com a aquisição acrescida do livre-arbítrio, assume o Espírito a direção do próprio desenvolvimento, fundamentado agora nestas operações

“...baseada na troca de fluidos multiformes, através dos quais emite as próprias idéias e radiações, assimilando as radiações e idéias alheias” ([1], Cap. XIV),

num processo que, por analogia com a fotossíntese e biossíntese, André Luiz denomina de Mentossíntese.

d) – Com o nascer, morrer e renascer, pela lei de responsabilidade, se lhe oferecem os meios de avaliação de sua conduta, que se traduzem nos bens e nos males, alegrias e dores da caminhada: pela lei da hereditariedade e da repetição se lhe renovam as oportunidades de aprendizado nas quais

“...deve aprender por si o caminho ([2], n. 100) em que se conduzirá para a Glória Divina [1];

e pela lei do progresso e da renovação, descobre gradativamente que o amor é a potencialidade que, em lhe sublimando as tendências nas realizações do bem comum, lhe sustenta a marcha neste mesmo caminho.

10.1 – Instinto sexual

a) – O instinto sexual, cujos fundamentos se perdem no bojo das leis de atratividade, tem seus primeiros aspectos, no campo da vida, evidenciados pela faculdade que faz a mônada assumir a reprodução.

É a primeira manifestação da faculdade criadora – de Co-Criação – que o ser apresenta, como ser vivo, a faculdade pela qual o Espírito é Auxiliar de Deus.

O Espírito não é colocado a cooperar com Deus somente nas obras da Criação material; mas o é também para auxiliar na evolução dos Espíritos.

Por isso confere-a eles a procriação. Por ela os seres, aos pares, em tarefa conjunta – o masculino e o feminino –,

possibilitam a reencarnação, necessária ao Espírito, para o seu progresso.

O Espírito necessita associar-se à matéria, como instrumento de manifestação. Além de Deus proporcionar-lhe esta possibilidade, dotou-o, da faculdade de intermediar ele mesmo, junto aos outros, essa mesma possibilidade, num processo em que, na organização da família, ele desenvolva o amor, entre cônjuges, através da Maternidade, da Paternidade, e, reciprocamente, o amor filial. Estes são aspectos “da lei do amor ao próximo”, lei soberana na condução de nossa evolução, estendida aos parentes, primeiro, aos amigos depois, à inteira Humanidade, por fim.

Com o passar dos milênios e a realização de conquistas, o princípio inteligente se defronta, pelas exigências da reencarnação e para a manutenção de suas conquistas, com fenômenos relacionados ao nascer e renascer, cada vez mais complexos, que a mente governa por meio de implementos orgânicos específicos: as glândulas sexuais, os hormônios e os órgãos de reprodução, com base em permutas de ordem física e psíquica, nos domínios do amor, e com a participação de toda uma organização no Plano Espiritual, para o evento.

Esta capacidade crescente de governar tais fatos está intimamente ligada ao desenvolvimento da faculdade criadora, do amor em expansão.

b) – Nos domínios da Humanidade, o instinto sexual,

“...o anseio genésico instintivo que se lhe sobrepunha à vida normal, em períodos certos, converteu-se em atração afetiva constante ([1],

Cap. XIV)...

que, de um lado, faz a mente influenciar e ser influenciada; de outro requer, pela Lei, a subordinação a determinados padrões de comportamento – morais, pois somente dentro da Lei, que nos requer amor, respeito e responsabilidade ao irmão do caminho, rumaremos para os cimos da imortalidade, “...entre as fulgurações da Sabedoria Imperecível e as bênçãos do Amor Eterno” (Scheila).

O instinto sexual

“...gera cargas magnéticas em todos os seres...que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma...” ([1], Cap. XVIII).

Simultaneamente, a faculdade criadora se apresenta ampliada, com novos aspectos, pelos quais o homem resulta capacitado a co-criar em outros tipos de realização, no campo das atividades: da Indústria, da Ciência, da Arte, etc., cujas obras são outros tantos serviços relacionados à Criação.

10.2 – Fecundações físicas e psíquicas

a) – Na união física unem-se as qualidades passivas e ativas ([3], Cap. VIII) para **fecundação física, no serviço da pro-**

criação, por meio das disposições da forma.

No intercâmbio mental, para a execução das outras tarefas criativas, há união de qualidades psíquicas, por meio das quais se processam **fecundações psíquicas** que, em se desenvolvendo nos recessos da alma receptora, conduzem às realizações da genialidade ou da santidade, na vastidão da **co-criação**.

“...Essa união de qualidades, entre os astros, chama-se **magnetismo planetário da atração**; entre as almas denomina-se **amor**; entre os elementos químicos é conhecido por **afinidade**... Quando nos referimos ao amor do Onipotente, quando sentimos sede da Divindade, nossos Espíritos não procuram outra coisa senão a troca de qualidades com as esferas sublimes do Universo, sequiosos do Eterno Princípio Fecundante ([4], Cap. XIII).

b) – Nas uniões físicas, as cargas magnéticas que se distribuem por todos os campos sensíveis da alma, exercem forças que encontram compensação plena somente com outra força igual. Por isto a **monogamia é o clima espontâneo do ser humano** [1], porque somente dentro da plena afinidade o instinto sexual encontra alegria completa.

Os que se fixam nas próprias impressões, limitadamente ao âmbito das sensações, **hipertrofiam-se no prazer de si mesmos** [1], lesando outros, uma vez que o instinto sexual, como energia criadora que é, não só é “agente

de reprodução... mas é reconstituente das forças espirituais pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psicomagnéticos que lhes são necessários ao progresso ([1], Cap. XVIII).

E, como não há ninguém que, cogitando exclusivamente do próprio prazer, não termine por lesar os outros, acaba por adquirir dívidas a lhe exigirem duras lições nos processos de reeducação, recebendo por filhos ou parentes todos aqueles que se tornaram

"...credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso" ([1], Cap. XIV).

10.3 – Reencarnação

a) – André Luiz em *Missionários da Luz* descreve em 4 capítulos a problemática da Reencarnação em 2 casos essenciais: um, normal; outro com obstáculos de toda espécie.

No primeiro, um casal prepara-se para receber, como filho, em situação de reajuste, antigo companheiro com quem se envolveram tristemente num caso passional. No que se refere à reencarnação, descreve a existência, no Plano Espiritual, de atividades que revelam intenso e laborioso trabalho de estudo e planejamento, verdadeiros

"...projetos para futuras habitações carnis [4], pelos quais grande percentagem... se

processa em moldes padronizados para todos... enquanto que... elevando-se a alma em cultura e conhecimento e, conseqüentemente, em responsabilidade, o processo reencarnacionista individual é mais complexo... Em vista disso, as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de trabalhadores e missionários – os completistas..." ([4], Cap. 12).

Diante da relutância renovada do esposo em concretizar o compromisso assumido, os amigos espirituais desenvolvem intensa atuação, no sentido de soerguer os ânimos e restabelecer a aceitação, sem que pudessem forçar situações em respeito ao livre-arbítrio, mas porque não podiam dispensar-lhe as boas disposições para a tarefa.

b) –

"...Cada homem, como cada Espírito, é um mundo por si mesmo e, cada mente, é como um céu... Do firmamento descem raios de sol e chuvas benéficas... mas também... pelo atrito de elementos atmosféricos, desse mesmo céu procedem faixas destruidoras. Assim a mente humana... quando perturbada, emite raios magnéticos de alto poder destrutivo para as camadas celulares que a servem... O pensamento envenenado de Adelino destruiu a substância da hereditariedade intoxicando a cromatina da própria bolsa seminal... não atingiria os objetivos sa-

grados da Criação porque, pelas disposições lamentáveis de sua vida íntima, estava emiqualando as células criadoras... intoxicava os genes do caráter; dificultando a ação... Dai a necessidade desse trabalho intenso para despertar-lhe os valores afetivos.

Somente o amor proporciona vida, alegria e equilíbrio... E quando ensinamos a prática do amor, não procedemos obedientes a meros princípios de essência religiosa, mas atendendo a imperativos da própria vida ([4], Cap. XIII).

O desbaratamento da energia sexual não somente nos impede a elevação em que se aprende a trocar valores ou qualidades espirituais; mas nos impede também a boa participação no delicado processo da procriação, obrigando o Plano Espiritual a atuações dificultosas com a utilização de recursos especiais.

c) –

“...Enquanto os desequilíbrios se localizam na esfera paternal, ou procedem da influência de entidades malignas, simplesmente há recursos a interpor; no entanto, se a desarmonia parte do campo materno, é muito difícil estabelecer proteção eficiente” ([4], Cap. XV).

E, para ilustrar esta afirmação, narra, no segundo caso, ocorrência em que a intercessão se torna difícil, numa situa-

ção em que, infeliz criatura, tendo já abortado por duas vezes sucessivas, de forma inconsciente por excesso de levandades, mantém-se no mesmo padrão, provocando um terceiro, situando-se, ela mesma, em precaríssimas condições de vida, como consequência.

10.4 – Conclusão

a) – Concluindo, dissemos, com Kardec e André Luiz, que sexo é “qualidade emissora e receptora da alma, pela qual o ser exerce o poder de criatividade, de que é dotado, para o exercício das atividades da Co-Criação.

Enquanto permaneçamos narcisados na consecução de prazeres, não colheremos senão sensações, em prejuízo da ordem, da harmonia e da nossa própria participação, nas tarefas edificadoras do progresso, o que, principalmente, reverte contra nós mesmos, envolvendo-nos em longos processos de retificação.

Entretanto, se compromissados com os sagrados desígnios da Providência, expandimos nossa criatividade rumo às realizações do bem comum, colheremos as sagradas comissões de força, conhecimento, alegria e poder de que todo ato criador está cheio, como decantado pelos virtuosos que atingiram o êxtase espiritual.

b) –

“...Quem foge ao bem é defrontado pelo crime; quem foge à ordem, cai no desequilíbrio... Não há criação sem fecundação. As for-

mas físicas descendem das uniões físicas. As construções espirituais procedem das uniões espirituais. A Obra do Universo é filha de Deus. O sexo, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até que venhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade" ([4], Cap. XIII).

A) – Bibliografia

- [1] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*
- [2] – Emmanuel – *Caminho, Verdade e Vida*
- [3] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima*
- [4] – André Luiz – *Missionários da Luz*

B) – Leituras complementares

- [1] – Capítulo XIX
- [3] – Capítulos 12, 13, 14 e 15
- [4] – Emmanuel – *Vida e Sexo*: Cap. 5, 14, 15, 19, 20.
- [5] – Allan Kardec – *Livro dos Espíritos* – Itens: 200 a 217; 686 a 701; 773 a 775.
- [6] – Allan Kardec – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.
- [7] – Francisco Cândido Xavier e Fernando Worm – *Janela para a Vida*: Cap. V.

C) – Perguntas

- 1 – Explique a analogia entre permutas físicas e permutas psíquicas, entre seres.
- 2 – Como se processa a evolução na fase humana?
- 3 – O que é mentossíntese?
- 4 – O que é a faculdade criadora?
- 5 – O que se entende por fecundação psíquica?
- 6 – Por que o instinto sexual encontra alegria completa somente dentro da plena afinidade?
- 7 – Discorra sobre a complexidade das tarefas que envolvem a reencarnação.
- 8 – Qual o papel do amor, na concepção?
- 9 – Quais as conseqüências da fixação na busca de prazer?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 31.

CAPÍTULO 11

RELIGIÃO: CIÊNCIA MORAL DE APERFEIÇOAMENTO – I

Introdução

a) – Dissemos, em 10.4, que

“...na fase humana, o espírito é entregue ao comando da própria vontade e seu comportamento resulta de uma escolha – a nossa escolha – em função de uma escala de valores que adotamos e sugerida progressivamente pela Revelação, através das Religiões...”

Até o Paleolítico, entretanto, as Inteligências Divinas teriam atuado sobre o Espírito até que

“...dotando-o com preciosas reservas para o futuro imenso ([1], Cap. XX)...”

Com a aquisição da responsabilidade foi-lhe conferido o dever de

“...conservar e aprimorar o patrimônio

recebido e, investindo-a na riqueza do pensamento contínuo, entregaram-lhe a obrigação de atender ao aperfeiçoamento do seu corpo espiritual [1].

b) – A primeira conquista de caráter espiritual é o princípio de justiça, pelo qual o homem começa a examinar, em si mesmo, o efeito das próprias ações. Desperta-se-lhe então a necessidade de satisfazer às indagações e, ao mesmo tempo, elucidar-se.

É, porém, na riqueza de plasmagem da idéia, que se amplia com o reflexionar e com a permuta de pensamentos entre mentes, que a inteligência comanda, por estímulos interiores, sua própria veste, aprimorando-a e aprimorando-se.

Diz André Luiz, em ([1], Cap. XX), que a inteligência humana, conduzindo-se de maneira racional, experimentou profundas transformações.

“...Percebe... que, além das operações vulgares da nutrição e da reprodução, da vigília e do repouso, estímulos interiores, inelutáveis, trabalham-lhe o âmago do ser; plasmando-lhe o caráter e o senso moral, em que a intuição se amplia, segundo as aquisições de conhecimento, e em que a afetividade se converte em amor, com capacidade de sacrifício, atingindo a renúncia completa...”.

Para poder altear-lhe o pensamento, a fim de

enobrecer-lhe os estímulos interiores, capazes de

“...assegurar-lhe o transformismo anímico, revesti-lo de luminosidade e beleza e apurar-lhe os princípios para que, além do angusto círculo humano, pudesse retratar a glória dos Planos Superiores [1],

nasce a atividade religiosa

por instituto de higiene da alma,

que, em lhe propiciando a assimilação dos valores do Espírito, despoja-a

“...da espessa sedimentação de animalidade que lhe prendia os impulsos...”.

conduzindo-a ao necessário burilamento.

11.1 – Os capelinos

a) – Simultaneamente, a vinda de grande massa de Espíritos de Capela ([2], Cap. III)

“...na formação das raças adâmicas, atua qual enxerto revitalizador no impulsionamento para o progresso acelerado das populações inferiores terrenas, pelo qual as falanges de Cristo operam as últimas experiências para o aper-

feiçãoamento dos caracteres biológicos das raças humanas.

Os novos habitantes foram recebidos por Jesus que os exortou

"...à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor; no esforço regenerador de si mesmos, prometendo-lhes colaboração cotidiana e a Sua vinda no porvir..."

Estabeleceram-se na Ásia, de onde passaram para o Egito e para a Atlântida.

b) – As tradições do paraíso perdido passaram de geração a geração, ficando por fim gravadas na Bíblia.

Eles deram origem a quatro grandes grupos: os árias, do qual descende a maioria dos indo-europeus, os egípcios, os judeus e os brâmanes,

"...formando os pródromos de toda a organização das civilizações no seio da raça amarela e da raça negra que já existiam" [2].

Guardaram as reminiscências das palavras do Mestre e receberam-lhe, periodicamente, os Emissários. Eis porquê

"...as epopéias do Evangelho foram previstas e cantadas alguns milênios antes da vin-

da do Sublime Emissário...

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Alguns voltaram

...depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, ainda permanecem na Terra, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos..."

11.2 – Religião do Egito

a) –

"...Depois de longos e porfiados milênios de luta espiritual... surgem... civilizações... nas quais a religião assume aspecto enobrecido como ciência moral de aperfeiçoamento ([1], Cap. XX).

No Egito, os limites da compreensão das populações primitivas mantêm a crença nas concepções mitológicas, o que obriga o sacerdócio a manter em segredo as manifestações esotéricas dos templos.

Guardavam as reminiscências do planeta de origem e ansiavam a ele retornar, o que lhes fazia ver, na morte, esta possibilidade, uma vez que acreditavam na existência do Espírito e da continuidade da vida no Plano Extrafísico. Ritos

e cerimônias constituíam-se em uma solenização do regresso das pessoas à pátria espiritual.

No *Livro dos Mortos* prenunciavam-se as dificuldades que os defuntos encontrariam no outro mundo, constituindo-se um código de conduta moral para a vida e a morte, uma vez que o homem seria julgado por um tribunal divino.

Por isto a conduta moral se revestia de caráter religioso.

Diz Emmanuel [2]:

“...O destino e a comunicação dos mortos e a pluralidade das existências e dos mundos eram para eles problemas solucionados e conhecidos...”

b) – Os egípcios tinham o Faraó como filho de Deus, cujo principal dever era fazer reinar a verdade, o equilíbrio e a justiça.

Com a unificação do país, instauraram o monoteísmo, caracterizado por um Deus Primordial gerador de tudo, dos outros deuses inclusive que, por isto, eram considerados secundários, e aos quais designavam vários atributos:

“...a vontade sábia e poderosa, a liberdade, a grandeza, a magnanimidade incansável, o amor infinito e a imortalidade [1].”

Da vida intelectual dos meios sacerdotais beneficiaram-se outras atividades, realizando obras de grande vulto. Desenvolveram a Geometria, a Astronomia. Criaram o ca-

lendário universal. Desenvolveram ampla organização social e belas idéias morais, que registraram nos livros de Hermes; o Pimandro, o Asclépsios, e na Tábua das Esmeraldas.

No Pimandro ensina-se a renúncia aos bens materiais, para encetar a conquista dos bens do Espírito.

Combate-se a ignorância, a tristeza, a intemperança, a concupiscência, a injustiça, a avareza, o erro, a inveja, a malícia, a cólera, a temeridade e a maldade.

São regras morais:

- não tornar infeliz o próximo;
- não fazer mal a ninguém;
- não criar sofrimento em derredor.

Muitos de seus iniciados voltaram a Capela; outros ainda permanecem para o desempenho de abençoadas missões.

11.3 – Religiões da Índia

11.3.1 – O Vedismo

Na Índia as tribos indo-europeu-arianas teriam introduzido e desenvolvido o Vedismo, representado pelo *Livro dos Vedas*, que contém fórmulas mágicas e exorcismos.

É ainda politeísmo.

Pedem-se bens materiais aos deuses e grande parte de suas práticas é dirigida ao sacrifício em oferendas postas no fogo, segundo fórmulas mágicas conhecidas somente pelos

sacerdotes aos brâmanes.

Com isto, profissionaliza-se o sacerdócio e, pela caracterização da sociedade pelas profissões, formam-se castas das quais a primeira é constituída pelos brâmanes ([3], Cap. VI).

11.3.2 – O Bramanismo

Com o desenvolvimento das concepções, é tendência natural do novo modo de pensar, reduzir o conhecimento a poucos princípios, a uma tese fundamental, ou a uma concepção única.

Com o tempo, esta tendência se estrutura como atividade e passa a constituir, primeiramente, as protofilosofias⁽¹⁾ associadas a cada religião; e, mais tarde, a própria Filosofia.

Desta forma, os sacerdotes, do estudo e da dedicação às coisas sagradas, passam a conceber a existência de um único Deus, no Bramanismo que surge entre os séculos IX e VIII, a.C.

⁽¹⁾ - Utilizamos esta denominação porque deixamos o termo Filosofia, propriamente dito, aos sistemas racionais, iniciados na Grécia, com os pré-socráticos. O que chamamos de protofilosofia é ainda próprio da fase intuitiva do saber – pré-operacional –, na qual ainda nada se prova nem se define. Interpreta-se apenas os dados intuitivos de revelação.

Ao Bramanismo associa-se uma filosofia que afirma existir, no Universo, um princípio fundamental – Braman. No homem, outro: Atman, que, entretanto, se identificam – Atman, emanação de Braman.

A diversidade aparente se dá pela reencarnação que é provocada pelos desejos de Atman voltados à matéria, e é continuada como consequência dos atos por ele praticados.

O mal residiria nesta diversidade das coisas existentes. Enquanto o homem não se apercebe da identidade entre Atman e Braman, mantém seu desejo ligado ao mundo das aparências, das coisas, e sua vida está sujeita à Lei do Carma; cada existência se torna consequência dos atos praticados em existências anteriores, e pode-se realizar pela encarnação em ser humano, ou vegetal, ou animal.

A reencarnação é entendida como Metempsicose, estando nela ausente a idéia de evolução.

Diz, ainda, que renascer é sofrer, é viver no mundo da dor, provocado pelos interesses das coisas materiais, ao contrário do que se afirma no Espiritismo, pelo qual a vida é uma bênção, uma oportunidade de progresso e desenvolvimento.

Como considera esta vida um mal, concebe que o ciclo das reencarnações terminará quando se extinguirem os desejos, o que redundará na perfeição e em tornar-se sábio. Aí Atman unir-se-á a Braman, em profunda paz, cessando para ele a submissão à Lei do Carma.

11.3.3 – A Ioga

a) – Fundamentados nesta concepção panteísta da realidade, e entendendo que o mal é engendrado pelos desejos, os brâmanes instituem, nessa protofilosofia, uma técnica capaz de anulá-los.

É a Ioga que, em suas diversas formas, sustenta:

– em primeiro lugar, que o homem é responsável, tudo sendo conseqüência de seus atos;

– em segundo lugar, que os homens são diferentes e que, por isto, o melhor caminho será aquele que possa parecer mais atraente ao temperamento e à disposição geral de cada um.

Distinguem-se três veredas principais:

b) – **A Raja Ioga** – dedicada

- ao desenvolvimento dos poderes latentes no homem;
- à aquisição do controle das faculdades mentais pela vontade;
- à conquista do domínio do eu interior;
- ao desenvolvimento da mente.

c) – **A Carma Ioga** – a Ioga da ação; a senda dos que se interessam pelas obras, fundamentada na idéia de que hoje somos o resultado daquilo que fizemos em vidas passadas.

d) – **Observação** – A palavra Carma foi introduzida no Es-

piritismo, pelo sincretismo espírita-oriental. É utilizada, entretanto, com sentido diferente. Na acepção Espírita, ela designa a atuação da Lei de Ação e Reação, relacionada à Lei da Evolução. E, isto, faz com que, nesta, o conteúdo difira, embora guarde alguma semelhança.

e) – **Gnani Ioga** – É a Ioga da Sabedoria. É o caminho dos eruditos. Aqui também há diferença, com o Espiritismo, no que se refere ao conhecimento: no Bramanismo, o saber é construído intuitivamente; no Espiritismo, racionalmente, com o método teórico-experimental, ou científico.

Outros, em lugar da Gnani-Ioga, apontam a **Bhakti-Ioga**, como senda que conduz à obtenção do conhecimento e da união com o Absoluto, pelo poder do Amor.

Enfim, trata-se de uma doutrina panteísta, contrastante com o caráter da Doutrina Espírita, teísta. É um sistema que pretende, a partir de intuições intelectuais, abarcar o Absoluto ([4], itens 14-16); ([5], Cap. II). Há que reconhecer, entretanto, ter ela atingido expressões da mais alta espiritualidade, em seu desenvolvimento, o que a tornou uma das maiores formas de religiosidade de todos os tempos. Estacionou, entretanto, por permanecer nas formas intuitivas do conhecimento, e nas concepções panteístas.

11.3.4. – O Budismo

a) – No século VI a.C., o Bramanismo é contestado por duas heresias: o Jainismo e o Budismo. Em função disto, os brâmanes intentam tornar acessível e aproximar sua doutri-

na das crenças populares. Sob este aspecto é designado por Hinduísmo, a atual religião da Índia.

O Budismo foi fundado por Buda, príncipe que se teria dedicado às atividades religiosas após ter-se defrontado com os problemas da velhice, da doença, da morte e da contemplação.

Sua doutrina fundamenta-se também nesta concepção panteísta da vida:

- a dor está na variabilidade das coisas;
- sua origem é a afeição e o desejo das coisas materiais, cuja satisfação é causa que produz efeitos, conseqüências, renascimento pela Lei do Carma;
- a supressão da dor consiste na supressão do desejo relativo à existência. Extinguindo-o, terminaremos com ela;
- quando o ser alcançar o desinteresse total das coisas do mundo, entra no Nirvana, mundo caracterizado por esta ausência de desejos. Para alcançá-lo, entretanto, t e r á que seguir por oito vias:

**fé pura, vontade pura, palavra pura, ação pura,
meios de existência puros, atenção pura, meditação pura,**

pelos quais o desejo não é reprimido, mas é sublimado.

b) - Prega a retidão por cinco preceitos:

- 1 - não matar (mesmo os animais);
- 2 - não furtar;
- 3 - não tomar a mulher do próximo;

4 - não mentir;

5 - não beber licor embriagador.

Recomenda:

a resignação, a benevolência, a piedade, o perdão das ofensas, o sacrifício por outrem, o dar de si.

c) - Como Doutrina, exerce a mais benéfica ação sobre a vida moral, social, e estética, entre os países em que se difundiu, mesmo porque, em sua mensagem, esclarece que a dor do homem provém do seu egoísmo, uma das mais profundas verdades de caráter psicológico e moral.

Supõe-se que Buda teria tido uma visão da evolução das espécies, a partir da animalidade até a Espiritualidade Superior. Mas não teria tido a possibilidade de transmiti-la.

A diferença com o Bramanismo reside justamente nesse fato de que a salvação não está no anulamento dos impulsos vitais, mas na superação dos desejos das coisas ligadas ao plano material, pela sublimação dos impulsos na renúncia, no exercício e na prática do bem, na benevolência, enfim.

A) - Bibliografia

- [1] - André Luiz - *Evolução em Dois Mundos*.
- [2] - Emmanuel - *A Caminho da Luz*
- [3] - Rino Curti - *O Divulgador Espírita*
- [4] - Allan Kardec - *O Livro dos Espíritos*

[5] – Rino Curti – *Espiritismo e Reforma Íntima*

B) – Leituras complementares

As dos capítulos da bibliografia citados no texto.

C) – Perguntas

- 1 – Com que finalidade surge a Religião?
- 2 – Quem são os Capelinos?
- 3 – De onde provêm as tradições do paraíso perdido?
- 4 – Como os Egípcios instauraram o Monoteísmo?
- 5 – O que é o Bramanismo?
- 6 – O que é a Ioga?
- 7 – O que é o Budismo?
- 8 – Qual a diferença entre Hinduísmo e Budismo?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*
Estudar e pôr em prática o cap. 32.

CAPÍTULO 12

RELIGIÃO: CIÊNCIA MORAL DE APERFEIÇOAMENTO – II

12.1 – Masdeísmo

a) – O Masdeísmo, Religião da Pérsia, hoje Irã, foi estabelecido por Zoroastro ou Zaratustra, após a invasão do Irã pelos Árias.

Zoroastro é um profeta portador de nova revelação, que orienta para o Monoteísmo. Diz de um Deus Supremo – Ahura Masda –, criador, boníssimo, sapientíssimo, etc., de quem provêm todos os valores, o dom da vida e da imortalidade, assistido por semideuses ou santos.

Sua protofilosofia estabelece a distinção entre dois princípios: o do bem e o do mal, aspectos da substância de Masda que se opõem. O primeiro é o pensamento benéfico, criador da vida; o segundo é a dúvida, geradora da morte. Esta separa-se daquele e constitui o demônio: ANGRA MANIU, ser destinado a desaparecer, mas que no momento detém certo poder criador das trevas e da morte, senhor de tudo quanto é impuro. Também é secundado por semideuses do mal e todos lutam querendo disputar a Masda o reino dos

céus.

b) – A Terra, na origem, teria sido um lugar de delícias, mas o demônio teria introduzido, nela:

o inverno, o granizo, as feras, os insetos, a destruição, a desolação, a morte; nas almas humanas a incredulidade e os maus instintos.

Zoroastro, porém, é um duro golpe para o demônio. A cada milênio, aparecerá novo Zoroastro de uma virgem e de uma semente do primeiro, a fim de completar a destruição do demônio. No terceiro milênio ressuscitará os mortos. Um meteoro descerá dos céus, fundirá metais ocultos na montanha, e tais metais em fusão constituir-se-ão para os fiéis em beberagem salvadora que lhes propiciará imortalidade, enquanto eliminará perversos e demônios. O último Zoroastro ou mesmo o primeiro, celebrará uma missa cantada, e o mundo, livre da corrupção, será eternamente feliz.

c) – Enfim, para Zoroastro, o mundo obedece a um plano em que se trava uma luta entre forças opostas, da qual resultará o estado perfeito. A ninguém é dado subtrair-se: todos devem participar dela e o resultado será o triunfo do bem.

A moral, portanto, fundamenta-se na Religião. É bom tudo que serve à causa de Masda; é mau tudo aquilo que se lhe opõe à vitória.

Os deveres são: – a piedade, a sinceridade, o trabalho...

Condena a calúnia, a difamação, o roubo, a contração

de dívidas, porque conduzem à mentira a fim de evitar o pagamento.

Cultua-se a justiça, a retidão e o cumprimento das promessas.

Proíbe-se toda a piedade com os sectários do demônio.

A idéia de salvação muda: passa a constituir-se como o resultado do cumprimento de leis morais, e não o prêmio a oferendas e sacrifícios.

d) – No Masdeísmo, portanto, configuram-se símbolos representativos de idéias que se desenvolveram bem mais tarde.

Assim, a **noção de virgindade**, símbolo de pureza em relação ao sexo, cuja finalidade precípua é a de procriar, estabelece uma primeira diferenciação entre sexo e amor.

A **luta entre forças opostas**, simbolizando a luta pelo aperfeiçoamento, evolutivamente, insere o germe da idéia de evolução, indicado pela passagem de um estágio inferior a outro superior.

Estabelece a noção de justiça, mesmo com a falta de piedade para com os faltosos, enquanto não se possa ter amor.

e) – Zoroastro prega a defesa da criação do gado, cuidado a dispensar às pastagens, à vida sedentária, ao estudo e à paz. O verdadeiro crente deve ser camponês zeloso, bom criador de gado. Deve cuidar do seu corpo e alimentá-lo bem, casar com mulher de boa raça; ser fiel à Religião e ter filhos para aumentar o número de criaturas de Masda.

A vida ideal deve constituir-se de trabalho agrícola e de união familiar. Após a morte, a alma é julgada, punida ou recompensada. O culto principal é o do fogo, símbolo do Ser Supremo: Deus da Luz.

É do Masdeísmo que deriva o dualismo que opõe Satã a Deus, a crença nos anjos, a imortalidade e a ressurreição das almas. É nele que se situa, pela primeira vez, o problema da confrontação entre o bem e o mal, estabelecendo a noção de que a superação do mal pelo bem significa a suplantação do privilégio pela justiça, da guerra e da paz, o que, para o homem, se constitui numa conquista.

O Masdeísmo foi expulso no século VIII, pelos árabes muçulmanos. Seus fiéis refugiaram-se na Índia, onde hoje existem apenas alguns sequazes denominados PARSIS, na região de Bombaim.

12.2 – Religiões da China

Emmanuel aponta a China como

“...a árvore mais antiga das civilizações terrestres com uma organização já regular, quando do advento dos Capelinos emissários. Mesmo antes destes, haviam recebido muitos emissários do Cristo e muitos ensinamentos do Plano Espiritual...”

A forma religiosa mais antiga que nela se conhece é o SINISMO, oriundo de crenças totêmicas e no qual há culto aos ancestrais. Num primeiro tempo, no matriarcado, venerava-se a terra-mãe, com sacrifícios cruentos; num segundo

tempo, no patriarcado, passou-se a venerar o céu, que é masculino e que, luminoso e piedoso que é, requer somente oferendas incruentas.

Firma-se a existência de um princípio de ordem, o TAO, que aproxima todos os seres. Tal ordem é assegurada pela existência de dois princípios: o YANG e o YIN, masculino e feminino, respectivamente, e pela sua união. Instaure-se a idéia de que Deus e os seres luminosos querem somente o bem. Base fundamental da sabedoria do governo era o princípio: antes nutra-se o povo para, em seguida, instruí-lo.

A educação do povo dependia do exemplo do governante; se o povo pecava, dele era a responsabilidade.

12.2.1 – O Confucionismo

a) – Como consequência destas idéias, governo e culto não eram separados. O rei era, ao mesmo tempo, sacerdote e príncipe; e os funcionários, oficiais de estado e mestres do povo. Antes e depois do trabalho deviam instruir nas escolas e pontos de reunião, sobre Religião, rituais, etc... Todo pai de família presidia, em sua casa, ao culto dos antepassados.

CONFÚCIO tornou-se alto funcionário já aos 20 anos, tornando-se, depois, ministro da Justiça. Deposto aos 57 anos, dedicou os últimos anos de sua vida ao ensino e à redação dos livros sagrados de sua nação.

CONFÚCIO, em sua doutrina, exclui toda especula-

ção metafísica e não se ocupa dos mortos. Só se ocupa do homem e das coisas humanas. Prega o raciocinar e o expressar-se do bem, numa moral que leve o homem viver bem. O fundamento da Sociedade está na máxima perfeição possível atingida pelos indivíduos e, de modo especialíssimo, pelo príncipe.

A reforma da Sociedade deve, portanto, começar da reforma dos indivíduos. Acreditava que, na antigüidade, reis e sábios teriam existido perfeitos, o que já não se verificava. O homem poderá elevar-se à sua altura, uma vez que, por natureza, é bom.

b) – As virtudes principais são a retidão e a sinceridade que, adquiridas, suscitam outras: a ciência, o senso de fidelidade necessária ao dever, e o valor.

Para alcançar aperfeiçoamento sempre maior deve-se cultivar o amor ao aprender o cumprimento integral do dever, a firmeza de caráter, a prática de envergonhar-se do mal. O homem de bem é um sábio formado pelo estudo.

É necessário excluir toda preocupação vaidosa e toda mesquinha perseguição do interesse material: o homem honrado não procura sobrepujar-se senão a si mesmo, respeitar a lei e os bons costumes.

Além da perfeição ética, se lhe exige o aperfeiçoamento nas aparências, essencial para que o homem se torne capaz de cumprir justamente os únicos deveres fundamentais que lhe são requeridos como homem e como cidadão: o respeito aos pais, o respeito aos superiores, ao príncipe e à esposa.

c) – A primeira regra moral é o respeito aos antepassados, que os pais representam; e devem obter, por isto, dos filhos e netos, obediência total, devotamento sem limites.

O maior dever é a piedade filial. Conta-se, por exemplo, da filha do mandarim, Adorable, cujo pai recebeu ordem de fundir, para o soberano, um sino perfeito. Após duas tentativas infrutíferas, o pai é ameaçado de morte, caso fracasse novamente. Adorable fica sabendo por um adivinho que, ao metal em fusão deverá ser misturada carne humana; por isto, joga-se no braseiro. É por esta concepção de piedade filial que devem ser concebidos todos os outros deveres; dever do caçula para com o primogênito, da esposa com o esposo, do súdito com o soberano. Se o cumprimento dos deveres é geral, e o será se o príncipe preceder aos outros com o seu bom exemplo, fica assim estabelecida a base para a harmonia, a tranqüilidade e a elevação de todo o reino.

d) – O Confucionismo ampliou o modo de pensar e elevou os objetivos das crenças anteriores. Assim, exige a educação e um contínuo exame de si mesmo:

– quem muito exige de si mesmo e pouco dos outros, estará isento de desgostos.

Também aprofundou o conceito de amizade e diz:

– não tenhas amigos que não te sejam iguais, visando àquele sentido de perfeição que exprimia em outro preceito, no qual afirmava:

– se vires homens dignos, procura imitá-los;

– se vires homens de caráter oposto ao bem,

recolhe-te em ti mesmo e examina-te.

Em relação aos preceitos antigos institui um novo: o da reciprocidade que, ao lado da retidão, é o elemento que prevalece em toda a sua doutrina. Ele o exprime dizendo:

– Não faças aos outros aquilo que não dejes para ti.

Anterior ao Confucionismo é o Taoísmo, fundado por Lao Tsé. Entretanto, aquele exerceu maior influência, embora não se constituindo em uma metafísica, mas sim em uma doutrina que pretende estabelecer regras de bem viver e de bom comportamento.

12.3 – Judaísmo

a) – O Judaísmo é uma religião implantada por tribos semitas, nômades, vivendo sob tendas e criadores de gado, que se instauraram na Palestina ou Terra de Canaã, como se dizia antes de sua fixação, por volta do século XIV, antes da era cristã.

Viveram, antes, o matriarcado; depois, o patriarcado.

Neste, o homem se torna senhor da mulher por compra ao pai e aos irmãos; adquire direito absoluto sobre os filhos e genros, podendo até dispor de suas vidas. A aptidão de um rapaz ao casamento era inicialmente consagrada pela circuncisão. Com o tempo esta passa a ser uma marca distintiva nacional e religiosa – é considerada ordenada por Javé e praticada na infância.

A religião primitiva apresenta características totê-

micas. Há magia. Acreditam na sobrevivência dos mortos, em poderes sobrenaturais, a que chamam Eloins.

b) – Antes de entrar em Canaã, os hebreus teriam sido levados por Abraão ao Egito, onde os naturais cultuavam

“...complexas aplicações do magnetismo, traçavam disciplinas à vida íntima e comunicavam-se com os desencarnados de modo iniludível, consagrando-lhes reverência especial.

Nesse campo de conhecimento mais nobre, reencarna-se Moisés como missionário da renovação, para dar à mente do povo a concepção do Deus único.

Desde essa hora, o conhecimento religioso, baseado na Justiça Cósmica, generaliza-se no ânimo das nações, porquanto, através da mensagem de Moisés, informa-se o homem comum de que, perante Deus, o Senhor do Universo e da vida, é obrigado a respeitar o direito do semelhante, para que seja igualmente respeitado, reconhecendo que ele e o próximo são irmãos entre si, filhos de um Pai único.

A religião passa, desse modo, a atuar em sentido direto, no acrisolamento do corpo espiritual para a Vida Maior, através da educação dos hábitos humanos a se depurarem no caminho dos séculos, preparando a chegada do Cristo, o Governador Espiritual da Terra ([1], cap. XV).

12.3.1. – Os dez mandamentos

Mais tarde, os israelitas escravizados fugiram guiados por Moisés que, no Sinai, recebe o Decálogo.

André Luiz, em ([1], Cap. XX), apresenta os Dez Mandamentos, descritos em ([5], Cap.1), na forma bíblica, em termos atuais e relacionados às concepções espíritas, que aqui transcrevemos.

1 – Consagra amor supremo ao Pai de Bondade eterna, n'Ele reconhecendo a tua divina origem.

2 – Precata-te contra os enganos do antropomorfismo, porque padronizar os atributos divinos absolutos pelos acanhados atributos humanos é cair em perigosas armadilhas da vaidade e do orgulho.

3 – Abstém-te de envolver o Julgamento Divino na estreiteza dos teus julgamentos.

4 – Recorda o impositivo da meditação em teu favor e em benefício daqueles que te atendem na esfera do trabalho, para que possas assimilar com segurança os valores da experiência.

5 – Lembra-te de que a dívida para com teus pais terrestres é sempre insolvável por sua natureza sublime.

6 – Responsabilizar-te-ás pelas vidas que deliberadamente extinguíres.

7 – Foge de obscurecer ou conturbar o sentimento alheio, porque o cálculo delituoso emite ondas de força desorientada, que voltarão sobre ti mesmo.

8 – Evita a apropriação indébita, para que não agraves as próprias dívidas.

9 – Destrói de teus lábios toda palavra dolosa a

fim de que se não transforme, um dia, em tropeço para os teus pés.

10 – Acautela-te contra a inveja e o despeito, a inconformação e o crime, aprendendo a conquistar alegria e tranqüilidade, ao preço do esforço próprio, porque os teus pensamentos te precedem os passos, plasmando-te hoje o caminho de amanhã.

12.3.2 – O Monoteísmo

a) – Moisés unificara as tribos fazendo-as adotar o eloim do Sinai: Javé, que se torna o Deus nacional, antropomórfico, protetor dos israelitas contra os estrangeiros, como um Deus guerreiro.

Estabelece o Pentateuco, o início da mais elevada ciência religiosa de todos os tempos.

A partir do século VII a.C., o templo de Jerusalém, construído por Salomão, passa a ser o centro da religião nacional e as crenças, pela ação dos juizes e profetas, se encaminhavam para o Monoteísmo.

b) – No século VI a. C., o 2º. Isaías proclama que o Deus de Israel deve tornar-se o Deus da Humanidade. Os povos não devem ter mais que um só Deus, cujo templo é o Universo e a quem se venera pela justiça. O povo de Israel, o povo profeta, é o de revelar às outras nações o Deus único.

c) – A explicação da existência do bem e do mal tem também, entre os judeus, forma mística. Antes de tudo – explicam eles –, é preciso que nos curvemos ante a vontade de Deus, mesmo que não o compreendamos. Um dia surgirá,

entretanto, o dia de Javé, em que Deus dará ao seu povo grandeza e felicidade. E esta será possibilitada pelo aparecimento de um Messias, um grande rei, um chefe poderoso que assegurará o triunfo político e material ao povo judeu.

d) – Essa condição, entretanto, é estendida a toda a humanidade pelos profetas, especialmente pelos dois Isaías.

Lemos, em Isaías LXC 17, o seguinte:

“...Porque eu vou criar céus novos e uma terra nova, e não persistirão na memória as antigas calamidades, nem voltarão mais ao espírito... Não se ouvirá mais a voz do choro... Não haverá mais a voz do choro... Não haverá mais criança que viva poucos dias, nem velho que não encha seus dias... Não lhes sucederá edificarem eles casa, e ser outro quem a habite; nem plantarem para que outro coma... Os eleitos consumirão o fruto do seu trabalho.

O mundo ideal que haveria de sobrevir, segundo Isaías, se daria, inicialmente, com o advento de um Messias espiritual, o servidor de Javé – que seria homem de dor, desprezado, humilhado e esmagado e que se ofereceria como vítima expiatória.

Diz André Luiz em [1]:

“...As idéias da justiça e da solidariedade, dos deveres coletivos e individuais com a higiene do corpo e da mente, atingem ampla divulgação....

A) – Bibliografia

[1] – André Luiz – *Evolução em Dois Mundos*

B) – Leituras complementares

[2] – Rino Curti – *Espiritismo e Religião*, Tomo 2, Vol.1, Cap. XI, XII; e Tomo 2, Vol. 2, Caps.13 a 18.

[3] – Felicien Challaye – *Pequena História das Grandes Religiões* – caps. III a V, e IX

[4] – Abril Cultural – *As Grandes Religiões*

C) – Perguntas

- 1 – Qual a distinção entre o bem e o mal, no Masdeísmo?
- 2 – Qual a idéia de salvação, no Masdeísmo?
- 3 – Em que consiste a crença na ressurreição das almas?
- 4 – Que tipo de doutrina é a de Confúcio?
- 5 – Qual o maior dever, no Confucionismo? Citar outras características.
- 6 – Comentar os Dez Mandamentos. Comparar as duas versões: a Bíblica e a de André Luiz.
- 7 – Como surge o monoteísmo, entre os judeus?
- 8 – Qual a concepção do bem e do mal, entre eles?
- 9 – Qual o mundo ideal concebido pelos judeus?

D) – Prática de renovação íntima

André Luiz – *Sinal Verde*

Estudar e pôr em prática o cap. 34.

EPÍLOGO

O CRISTIANISMO

Com o Cristianismo, a Religião atinge a excelssitude como sistema educativo e depurador da alma.

Inicia-se para a Humanidade a maioridade espiritual com o recebimento, através de Jesus, e por Ele exemplificado, do código da paternidade e do amor.

A idéia de salvação, reelaborada pela Doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão, assenta-se definitivamente na de verdade e do amor.

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos salvará” João 8:32.

Para concluir, porém, cedamos a palavra a André Luiz (*Evolução em Dois Mundos: Cap. XX*)

EP.1 – Jesus e a religião

“...Com Jesus, no entanto, a religião, como sistema educativo, alcança eminência inimaginável.

Nem templos de pedra, nem rituais.

Nem hierarquias efêmeras, nem avanço ao poder humano.

O Mestre desferrolha as arcas do conhecimento enobrecido e distribui-lhe os tesouros. Dirige-se aos homens, simples de coração, curvados para a gleba do sofrimento e ergue-lhes a cabeça trêmula para o céu. Aproxima-se de quantos desconhecem a sublimidade dos próprios destinos e assopra-lhes a verdade, vazada em amor, para que o sol da esperança lhes renasça no ser. Abraça os deserdados e fala-lhes da Providência Infinita. Reúne em torno de sua glória, que a humildade escondia, os velhos e os doentes, os cansados e os tristes, os pobres e os oprimidos, as mães sofredoras e as crianças abandonadas, e entrega-lhes as bem-aventuranças celestes. Ensina que a felicidade não pode nascer das posses efêmeras que se transferem de mão em mão, e sim da caridade e do entendimento, da modéstia e do trabalho, da tolerância e do perdão. Afirma-lhes que a Casa de Deus está constituída por muitas moradas, nos mundos que enxameiam o firmamento, e que o homem deve nascer de novo para progredir na direção da Sabedoria Divina. Proclama que a morte não existe e que a Criação é beleza e segurança, alegria e vitória em plena imortalidade.

Pelas revelações com que vence a superstição e o crime, a violência e a perversidade, paga na cruz o imposto de extremo sacrifício aos preconceitos humanos, que lhe não perdoam a soberana grandeza, mas, reaparecendo redivivo, para a mesma Humanidade que o escarnecera e crucificara, desvenda-lhe, em novo cântico de humildade, a excelsitude da vida eterna...”

EP.2 – Revivescência do Cristianismo

“...Erige-se, desde então, o Evangelho em código de harmonia, inspirando o devotamento ao bem de todos até o sacrifício voluntário, a fraternidade viva, o serviço infatigável aos semelhantes e o perdão sem limites.

Iniciam-se em todo o orbe imensas alterações. A crueldade metódica cede lugar à compaixão. Os troféus sangüinolentos da guerra desertam dos santuários. A escravidão dos homens livres é sacudida nos fundamentos, para que se anule de vez. Levanta-se a mulher da condição de alimária para a dignidade humana. A Filosofia e a Ciência admitem a caridade no governo dos povos. O ideal da solidariedade pura começa a fulgir sobre a frente do mundo.

Moisés instalara o princípio da Justiça, coordenando a vida e influenciando-a de fora para dentro.

Jesus inaugurou na Terra o princípio do amor, a exteriorizar-se do coração, de dentro para fora, traçando-lhe a rota para Deus.

E eis que o Cristianismo grandioso e simples ressurgue agora no Espiritismo, induzindo-nos à sublimação da vida íntima, para que nossa alma se liberte da sombra que a densifica, encaminhando-se, renovada, para as culminâncias da luz...”

Leia também:

Cristianismo de Jesus a Kardec

Rino Curti

Cristianismo – de Jesus a Kardec, representa mais uma valiosa obra, fruto do trabalho incansável de um dos mais profundos conhecedores da Doutrina dos Espíritos. Um livro que deverá servir de orientação e do *curriculum* das Escolas e Cursos mediúnicos tão carentes de obras sérias e de conteúdo confiável.

Nos doze capítulos do Livro, o Autor nos apresenta com profundidade uma ampla visão sobre o Cristianismo. E a cada capítulo, além do texto seguro, ele apresenta uma farta bibliografia, sugere leituras complementares, que permitirão ao leitor, maior possibilidade de aprofundar seus conhecimentos.

Mais uma contribuição valiosa, de quem já orientou muitos para os rumos de um apostulado seguro.

Evangelho Luz da Alma

Luiz Rodrigues Cruz

Muitos são os ensinamentos que Jesus nos deixou como herança. As tribulações da vida, as perseguições que nos achamos vitimados, a ilusão das riquezas, o egoísmo e o orgulho, nos afastam das reflexões sobre esta maravilhosa herança que recebemos.

Luiz Rodrigues da Cruz, nos transporta para estas reflexões. Os ensinamentos de Jesus são refletidos à luz da razão, e transportados para o nosso século, para as nossas necessidades diárias. O amor nos é mostrado na sua mais pura e verdadeira essência.

Quando a Ilusão Acaba

Pelo Espírito Sueli

psicografado por

Eulinir de Fátima Silva Tomaz de Aquino

"Pensava na noite anterior, e meu pensamento chegou até na primeira vez que usei tóxico, depois o aborto e tudo pareceu rodar. Pensei na mamãe, se soubesse de tudo, como se sentiria? Pensei, chorei, angustiada, deprimida, sentindo que o caminho em que estava não era bom. Mas, instantes depois já estava pensando no Júlio. Júlio tinha uma forma diferente de falar da vida. Dizia que a vida era para ser curtida de todas as formas"

Estes, são alguns trechos da história de uma jovem que se deixa levar para o mundo das drogas. Perdida, sem conseguir libertar-se, é presa como traficante. Passa três anos na prisão, com o coração cheio de ódio por aquele que considerava culpado pelos seu sofrimentos. Ao sair, vai em busca de vingança, mas é assassinada pelo homem que tanto amou e odiou. Mas, a vida não termina após a morte.

E lá do outro lado...

Torre de Pedra

Claudina Pretel Duarte

Um romance que transporta o leitor ao tempo em que a humanidade vivia sob o julgo e a vontade dos senhores da terra. Onde a vida cigana, mistura-se ao sabor das desilusões amorosas. Onde a inquisição leva a morte física, almas que buscam a evolução da humanidade. Uma história de amor que não se realiza, mas finca raízes para novas vidas que surgem. Um padre, que acredita na vida espiritual e proporciona com ensinamentos precisos que um filho não siga o caminho desregrado de seu pai, um poderoso Senhor das Terras. Um romance que você não pode deixar de ler.

Falando de Amor

Sônia Tozzi Henriques Rodrigues

Falar de "Amor", qualquer um fala; mas é preciso alguém muito especial para falar de amor. Porque o amor puro está longe de posses e medos, muito distante das escolhas humanas; para falar de amor é preciso sublimidade, ser capaz de sentir intensamente tal sentimento, vivê-lo em cada momento.

Este é um trecho inicial deste livro, em que a autora não só fala de amor, mas mostra-nos, como vivê-lo intensamente na alegria e na dor. Falando de Amor, vai mostrar a você que Deus realmente existe, e está nas coisas mais simples da vida. Que você, só não O vê e não O sente, por estar envolvido pelas futilidades que o cerca. Falando de Amor, é um despertar, para uma vida harmoniosa de amor a humanidade. Vamos falar de amor.

Magia Terapêutica

Jacira Lopes Rodrigues da Cruz

"Os caminhos são construídos por nós, e muitas vezes construímos labirintos com tal complexidade que por centenas de anos enroscamos em pequeno espaço.

"Não é fácil, repetimos, repentinamente mudarmos nossas táticas comportamentais, mas é necessário que nos alertemos quanto às verdades que nos são expostas. É bem certo que são verdades mais constatadas pelo espírito que pelo intelecto materialista, mas é a verdade que nos libertará das amarras intransigentes dos conceitos preconizados e das angústias e tormentos que avassalam nossa existência. A postura mental daquele que pede, deve ser a de espera, espera com a certeza de obter."

Uma pequena amostra do conteúdo desta magnífica obra.